

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA
MENSAL

Fundada em 1938

 N.º 147 

VOLUME XXXIX

JULHO, 1950



DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR — ÁLVARO PINTO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIP. DA EDITORIAL IMPÉRIO, L.^{DA} — LISBOA

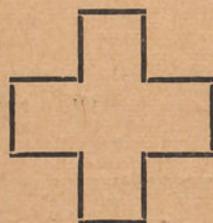


A beleza da reprodução litográfica

depende, em grande parte, da intensidade das variantes conseguidas dentro de cada cor. Essas gravações são obtidas com o emprego de "redes" mais ou menos fechadas aplicadas pelos litógrafos-cromistas com longa prática e grande somatório de conhecimentos como os de

BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}

T. DA CONDESSA DO RIO, 7 - TELEF. P. B. X. 21227-21368-32574 - LISBOA



SELOS

da

Cruz Vermelha Portuguesa

Aplice sempre na sua correspondência um selo da Cruz Vermelha Portuguesa, Instituição das mais nobres e beneméritas.

Os selos vendem-se na sede da Cruz Vermelha — Palácio do Conde de Óbidos
Jardim 9 de Abril — Lisboa

ACABA DE SAIR

UMA NOVA EDIÇÃO DE

O HISSOPE

*Poema herói-cómico em
8 cantos*

Reprodução de um manuscrito inédito do Século XVIII, com prefácio e anotações do Professor José Pereira Tavares

1 volume de 192 páginas — 25\$00

EDIÇÃO DA 'REVISTA DE PORTUGAL' — LISBOA

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

NOTAS VICENTINAS

Preliminares duma Edição Crítica das Obras de Gil Vicente

NOTAS I a V

incluindo a Introdução à edição facsimilada do Centro de Estudos Históricos de Madrid

1 volume de 664 páginas, 22 facsímiles e extensos Índices 150\$00
Edição especial numerada de 1 a 100 180\$00

EDIÇÃO DE 'OCIDENTE'

CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL (ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI)

Leitura, Comentários e Glossário por
Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado

1.^a edição integral do mais extenso e completo dos Cancioneiros Medievais Portugueses
Volume I, com 408 páginas e 80 de fac-símile — 150\$00; edição especial — 250\$00. Enc. 280\$00 e 400\$00.

Volume II, a concluir, os mesmos preços.

A obra completa deve constar de 40 tomos em 8 volumes
Edição da 'Revista de Portugal' — LISBOA — PORTUGAL

OCIDENTE

VOLUME XXXIX

CIDEN

STA PORTUGUESA MENSAL
FUNDADA EM 1938
NO DIA 1 DE CADA MÊS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DE S. FELIX, 41-1.º DT.º — OFFICINAS: EDITORIAL IMPÉRIO, LDA, R. DO SALITRE, 155, 1.º — LISBOA

/ VOLUME XXXIX / JULHO DE 1950

— Pág. 5/8. **AUGUSTO MORENO** — «Consultório Linguístico» — Pág. 38/40.

Ivens — No
o» — Confe- **BIBLIOGRAFIA** — *Notas de JOÃO DE CASTRO OSÓRIO, E. GAMILLSCHEG e D. M.*
ta Delgada, — Pág. 41/47.
— Pág. 9/18.

ion» — Ver- **Livros recebidos** — Pág. 47.
catória», de **ÁLVARO PINTO** — «Notas e Comentários» —
— Pág. 9/18. Pág. 48/52.

«A Escola **ILUSTRAÇÕES**
Pág. 20/26.
a do Arcan-
Roberto *Ivens* — por **LEOPOLDO DE ALMEIDA** — Pág. 24/A.
Sob a Invo- **Camões e a Visão da Epopeia** — por **ACÁCIO LINO** — Pág. 24/B.
o Exército»

SUPLEMENTOS

de Arte — **RUI GALVÃO DE CARVALHO** — «Antero Vivo» — Pág. 89/104.
— Falsifica-
ção de Arte **VENTURA LEDESMA ABRANTES** — «O Património da sereníssima Casa de Bragança em Olivença» — Pág. 25/40.
Feio — Arte
Pág. 32/37.

NÚMERO AVULSO

o 180\$00	Portugal	17\$50
190\$00	Colónias portug. e Espanha	18\$00
180 cr.	Brasil	17,5 cr.
\$ 10.00	Estrangeiro, dollars U. S. A.	\$ 0.90
eciais	Números atrasados (1/108) — 15\$00	

AL — SÉRIE A — LÍNGUA PORTUGUESA
UNDADA EM 1942

fascículo 17\$50 — Assinatura de 10 números — 150\$00

OR — ÁLVARO PINTO

º 1 (MAIO DE 1938) — 152 PÁGINAS — 30 ESCUDOS



A beleza da reprodução litográfica

depende, em grande parte, da intensidade das variantes conseguidas dentro de cada cor. Essas gravações são obtidas com o emprego de "redes" mais ou menos fechadas aplicadas pelos litógrafos cromistas com longa prática e grande somatório de conhecimentos como os de

BERTRAND (IRMÃOS), L.^{DA}

T. DA CONDESSA DO RIO, 7 - TELEF. P. B. X. 21227-21368-32574 - LISBOA

ACABA DE SAIR

UMA NOVA EDIÇÃO DE

O HISSOPE

*Poema herói-cómico em
8 cantos*

Reprodução de um manuscrito inédito do Século XVIII, com prefácio e anotações do Professor José Pereira Tavares

1 volume de 192 páginas — 25,00

EDIÇÃO DA 'REVISTA DE
PORTUGAL' — LISBOA

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR: ALVARO PINTO
GERENTE: MARIA AMÉLIA M. DE AZEVEDO PINTO

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA MENSAL
FUNDADA EM 1938
SAI NO DIA 1 DE CADA MÊS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DE S. FELIX, 41-1.º DT.º — OFFICINAS: EDITORIAL IMPÉRIO, LDA, R. DO SALITRE, 155, 1.º — LISBOA

SUMÁRIO DO N.º 147 / VOLUME XXXIX / JULHO DE 1950

- EM PROL DA CULTURA — VII — Pág. 5/8.
- JOÃO H. ANGLIN — «Roberto Ivens — No 1.º centenário do seu nascimento» — Conferência realizada no Liceu de Ponta Delgada, Açores, terra onde nasceu Ivens. — Pág. 9/18.
- ROBERT E. LUCKEY — «Invocation» — Versos — Tradução do Soneto «Invocatória», de Leonor de Almeida — Pág. 19.
- ALFREDO DE CARVALHO — «A Escola Aquitânica» — Continuação — Pág. 20/26.
- NATÉRCIA FREIRE — «Romana do Arcação» — Versos — Pág. 27/28.
- RODRIGUES CAVALHEIRO — «Sob a Invocação de Clio — Moniz Barreto e o Exército» — Pág. 29/31.
- DIOGO DE MACEDO — «Notas de Arte — O Romantismo de Alfredo Keil — Falsificadores impunes — Uma exposição de Arte francesa — O Escultor Barata Feio — Arte Portuguesa no estrangeiro» — Pág. 32/37.
- AUGUSTO MORENO — «Consultório Linguístico» — Pág. 38/40.
- BIBLIOGRAFIA — Notas de JOÃO DE CASTRO OSÓRIO, E. GAMILLSCHEG e D. M. — Pág. 41/47.
- Livros recebidos — Pág. 47.
- ALVARO PINTO — «Notas e Comentários» — Pág. 48/52.
- ILUSTRAÇÕES
- Roberto Ivens — por LEOPOLDO DE ALMEIDA — Pág. 24/A.
- Camões e a Visão da Epopeia — por ACÁCIO LINO — Pág. 24/B.
- SUPLEMENTOS
- RUI GALVÃO DE CARVALHO — «Antero Vivo» — Pág. 89/104.
- VENTURA LEDESMA ABRANTES — «O Património da sereníssima Casa de Bragança em Olivença» — Pág. 25/40.

ASSINATURA

Portugal — 6 meses	95\$00;	Ano	180\$00
Colónias portug. e Espanha ...	>		190\$00
Brasil	>		180 cr.
Estrangeiro, dollars U. S.	>		\$ 10.00

Com direito aos números especiais

NÚMERO AVULSO

Portugal	17\$50
Colónias portug. e Espanha	18\$00
Brasil	17,5 cr.
Estrangeiro, dollars U. S. A.	\$ 0.90

Números atrasados (1/108) — 15\$00

REVISTA DE PORTUGAL — SÉRIE A — LÍNGUA PORTUGUESA FUNDADA EM 1942

Publicados os n.ºs 1 a 86 — cada fascículo 17\$50 — Assinatura de 10 números — 150\$00

DIRECTOR — ALVARO PINTO

ADQUIRA A 2.ª EDIÇÃO DO N.º 1 (MAIO DE 1938) — 152 PÁGINAS — 30 ESCUDOS



O PNEU QUE POSSUI
GRANDE PODER DE
ACÇÃO-TRACÇÃO, DE-
VIDO A CONCEPÇÃO
ESPECIAL DA SUA
SUPERFÍCIE DE RO-
DAGEM

SQUEEGEE

C. P.

**TRANSPORTE DE MOBÍLIAS
PELO CAMINHO DE FERRO**

A mobília sem acondicionamen-
to, transportada em regime de va-
gão completo, deixou de estar su-
jeita ao recargo de 50 %, passando
portanto a transportar-se pelo
mesmo baixo preço da mobília
acondicionada.

PEÇA INFORMAÇÕES

A
COVINA

PRODUZ QUASE O DOBRO

DA CHAPA MECANICA

DE VIDRO

QUE É CONSUMIDA

NA METRÓPOLE

E NAS COLÓNIAS

Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Carreiras regulares para: Cabo Verde, Guiné, África Ocidental e Oriental, Brasil e América do Norte

Frota da Companhia em serviço e em construção

Paquetes:	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas	Navios de carga:	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas
«Pátria» (n. t.)	19.173	10.943	«Benguela» (n. m.)	12.303	9.347
«Império» (n. t.)	19.173	10.943	«Lugela» (n. t.)	12.250	8.340
«Mouzinho»	14.150	8.200	«Pungue»	8.750	6.356
«Colonial»	14.120	8.136	«Lobito»	5.970	4.278
«Serpa Pinto»	13.020	5.412	«Pebane»	4.105	2.797
«Guiné»	6.130	3.250	«Quionga»	4.105	2.770
<i>Navios de carga:</i>			«Lunda»	4.105	2.778
«Luanda» (n. m.)	13.790	9.820	«Chaimite»	3.200	2.000
«Ganda» (n. m.)	13.114	9.419	«Nampula»	3.200	2.000
«Amboim» (n. m.)	13.114	9.419	«Búzi»	3.080	2.062
			«Sena»	2.458	1.700

Rebocadores: «Monsantos», (n. m.), 850; «Oceânia», 350; «Mafra», (n. m.), 310; «Mutela», (n. m.), 210; «Náuticos», 200; «Catembe», 120; «Príncipe», 100. Total 2.040 toneladas de deslocamento. Além dos rebocadores, a Companhia possui o seguinte material auxiliar: 12 lanchas-motor, 8 batelões de alto-mar, 247 batelões de tráfego local, com um deslocamento de 15.000 toneladas e com um porte útil total de carga de 10.962 toneladas.

Escritórios: LISBOA — R. de S. Julião, 63 — Tel. 30131 a 30138 — PORTO — R. Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

CONHEÇA MARROCOS A TERRA DOS CONTRASTES

Voando nos confortáveis aviões da

AERO-PORTUGUESA

que ligam
LISBOA

com
TÂNGER

e
CASABLANCA

transportando passageiros,
correio e carga

Peça informações na

Av. da Liberdade, 120

ou pelo telefone 31128/9

ou ainda no seu Agente de viagens

A Aero-Portuguesa é Agente Geral
das Companhias
AIR FRANCE, SABENA e S. A. S.

Novidades literárias

HERBERT PALHANO

A Expressão léxico-gramatical do 'Leal Conselheiro'

2.ª edição

Com prefácio de João Leda
1 volume de 184 páginas e o retrato
de D. Duarte — 20,000

RUI GALVÃO DE CARVALHO

Antero de Quental e a Mulher

1 vol. de 60 págs. e 4 ilustrações — 15,000

FERNANDA DE CASTRO

SORTE

Romance premiado no concurso
das Casas do Povo

Capa de Inês Guerreiro

1 vol. de 232 pág. — 20,000

Edições da Revista 'Ocidente'

RELAÇÃO DAS PRINCIPAIS

EDIÇÕES de «OCIDENTE» e da «REVISTA DE PORTUGAL»

R. de S. Félix, à Lapa, 41, 1.º, Dt.º — Lisboa

- «OCIDENTE» — Revista mensal ilustrada fundada em 1938 — Director: *Alvaro Pinto* — Número avulso: 17\$50; 37 volumes encadernados em pano (Vol. I a XXXVIII — N.ºs 1 a 146) 3.250\$00
- Capas de pano:
 Vols. I/XXXIII, cada uma 20\$00
 Vols. XXXIV/VIII, cada uma 25\$00
 Capas com lombada de pele, cada uma 30\$00 e 35\$00
 Qualquer n.º atrasado até o 108 (inclusive) 15\$00
- «REVISTA DE PORTUGAL» — Série A «Língua Portuguesa» — Director: *Alvaro Pinto* — N.º: 17\$50; Volumes I a XI (N.ºs 1/55), cada um, encadernado 100\$00
 Volume XII (N.ºs 56/60), encadernado 120\$00
 Volumes XIII e XIV (N.ºs 61/70 e 71/80), preço de cada um, encadernado 185\$00
- Capas de pano:
 Volumes I/XII, cada uma ... 20\$00
 Volumes XIII/IV, cada uma 25\$00
 Qualquer n.º atrasado até o 54 (inclusive) 15\$00
- «RAIZES DE PORTUGAL» — pelo *Prof. A. Mendes Correia*—2.ª edição 15\$00
- «VIAGEM» — Poemas de *Cecília Meireles* — Único livro premiado pela Academia Brasileira em 1938 15\$00
- «A TETRALOGIA DO PRÍNCIPE IMAGINÁRIO» — por *João de Castro Osório*. Ilustrações de *Hugo Manuel* — 4 vol. — Cada um 6\$00
- «FÉDON» — de *Platão* — Prefácio de *Leonardo Coimbra* — Trad. de *Ángelo Ribeiro* — 3.ª edição 12\$50
- «FLORILÉGIO DAS POESIAS PORTUGUESAS ESCRITAS EM CASTELHANO E RESTITUIDAS À LÍNGUA NACIONAL» — por *João de Castro Osório* 12\$50
- «A EXPRESSÃO DA LIBERDADE EM ANTERO E OS VENCIDOS DA VIDA» — por *Feliciano Ramos*, com 7 ilustrações ... 6\$00
- «TEATRO CAMONIANO — 1) - ENFATRIÇÕES»
 2) «EL REI SELEUCO» — Prefácio e Notas do *Professor Vieira de Almeida* — Cada um 10\$00
- «UM HUMANISTA PORTUGUÊS — DAMIÃO DE GÓIS» — por *Aubrey F. G. Bell*, tradução de *A. A. Dória* ... 10\$00
- «A PEDRA NO LAGO» — Peça em 4 actos, por *Fernanda de Castro* ... 10\$00
- «O BLOCO PENINSULAR» — pelo *Prof. A. Mendes Correia* 5\$00
- «LUÍS DE CAMÕES — A VIDA E A OBRA LÍRICA» — pelo *Prof. Hernâni Cidade* 10\$00
- «OBRAS COMPLETAS DE GIL VICENTE — 1) — O VELHO DA HORTA» — Prefácio Notas e Glossário por *João de Almeida Lucas* 10\$00
 2) «A EXORTAÇÃO DA GUERRA» — Prefácio. Notas e Glossário por *João de Almeida Lucas* 10\$00
- «SOARES DOS REIS» — com 25 ilustrações — por *Diogo de Macedo* ... 15\$00
- «LUÍSA DE AGUIAR TODI» — com 8 ilustrações — por *Mário de Sampaio Ribeiro* 10\$00
- «FERNÃO LOPES» — por *Aubrey F. G. Bell*, tradução de *A. A. Dória* 10\$00
- «O ENQUADRAMENTO GEO-ECONÓMICO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA ATRAVÉS DOS SÉCULOS» — pelo *Prof. Ezequiel de Campos* — 2.ª edição, com numerosos mapas e gráficos 50\$00
- «OS LUSÍADAS» — de *Luís de Camões* — *Fac-simile* da 1.ª edição, com Prefácio e Notas de *Cláudio Basto* — Brochado 40\$00, encadernado em pano 55\$00
- «VIDA E OBRAS DE GIL VICENTE» — por *Anselmo Braamcamp Freire* (2.ª edição definitiva), com 19 estampas (últimos exemplares) 80\$00
- «NOTAS VICENTINAS» — por *Carolina Michaëlis de Vasconcelos* — 1 vol. com 664 páginas, contendo as Notas I a V, 22 *fac-similes* e extensos índices 150\$00
 Edição especial (N.ºs 1 a 100) 180\$00
- «LIÇÕES DE FILOLOGIA PORTUGUESA» — por *Carolina Michaëlis de Vasconcelos* Um vol. de 432 pág. 80\$00 (últimos exemplares)
- «JOÃO JOSÉ DE AGUIAR»—c/18 ilustrações — por *Diogo de Macedo* ... 15\$00
- «SUBSÍDIOS PARA UMA BIBLIOGRAFIA DAS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS» — compilados por *Carlos Galvão Simões* — Tomos I e II — Cada um ... 25\$00
- «OS ÚLTIMOS FINS DO HOMEM» — pelo *P.º Manuel Bernardes* — reprodução facsimilada da 1.ª edição de 1728, com Prefácio e Notas pelo *Prof. Vieira de Almeida* e Bio-bibliografia por *Barbosa Machado* — brochado 240\$00
 Encadernado 300\$00

- «PORTUGAL AMOROSO» — Novelas históricas de *D. João de Castro*—2.ª edição — Capa de *Diogo de Macedo* 20\$00
- «A DESCENDÊNCIA DE EL-REI O SENHOR D. JOÃO II» — pelo *Marquês de Lavradio* 16\$00
- «DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE MÚSICOS PORTUGUESES» — por *José Mazza*, com Prefácio e Notas do P.º *José Augusto Alegria* — 1 vol. de 104 p. 15\$00
- «COLUNATA» — Romance de *Vieira de Almeida* — 328 págs. 20\$00
- «A ESCULTURA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII» — por *Diogo de Macedo* — Com 50 ilustrações, 40\$00 edição especial 60\$00
- «A JANELA DE TORMES» — (No Centenário de Eca de Queirós) — por *Vieira de Almeida* — Com 8 ilustrações — 20\$00; edição especial 30\$00
- «ECA DE QUEIRÓS E OS SEUS ÚLTIMOS VALORES» — por *Feliciano Ramos* — Com 20 ilustr. — 25\$00; ed. especial 40\$00
- «O ACORDO ORTOGRÁFICO LUSO-BRASILEIRO», com um índice organizado por *Sebastião Pestana* e cerca de 20.000 palavras extraídas do 'Vocabulário Ortográfico Resumido' (2.ª edição) 17\$50
- «SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DA QUARESMA, NA CIDADE DE S. LUÍS DO MARANHÃO, NO ANO DE 1653 E UMA CARTA A D. JOÃO IV» — pelo P.º *Antônio Vieira*, com Prefácio e Notas por *Sebastião Morão Correia* — 1 volume de 128 páginas 10\$00
- «A CONQUISTA DO PARAÍSO» — por *J. Caminha Dantas* — Novela — Capa de *Joaquim Lopes* 15\$00
- «INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FILOLOGIA PORTUGUESA» — por *Manuel de Paiva Boléo* 20\$00
- «PROBLEMAS FUNDAMENTAIS PORTUGUESES» por *Ezequiel de Campos* ... 30\$00
- «DA POESIA MEDIEVAL PORTUGUESA» — por *Aubrey F. G. Bell, C. Bowra* e *William J. Entwistle* 15\$00
- «A LINGUAGEM RÚSTICA NO CONCELHO DE ELVAS» — por *J. Capela e Silva* — com 28 ilustrações 20\$00
- «QUESTÕES DE LÍNGUA PÁTRIA» — 2.º volume—por *I. Xavier Fernandes* 25\$00
- 1.º vol. (2.ª edição) 25\$00
- «ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE» — por *Perilo Gomes* — 1 volume de 212 páginas 20\$00
- «PEQUENO DICIONÁRIO LUSO-BRASILEIRO DE VOZES DE ANIMAIS (Onomatopeias e definições)» — por *Júlio de Lemos*, com uma Carta e um Estudo por *Augusto Moreno* 20\$00
- «CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL» (Antigo Colocci-Brancuti) — Leitura, Comentário e Glossário por *Elza Pazeco Machado* e *José Pedro Machado* — 1.ª edição integral do mais extenso e completo dos Cancioneiros medievais portugueses — Está concluído o 1.º Volume com 408 páginas de texto e 80 de *fac-simile* 150\$00
- Tiragem especial (1 a 200) 250\$00 (Assinatura de 5 tomos (desde o 6.º): edição comum, 125\$00; especial, 225\$).
- «PRECONCEITOS DA ÉPOCA» — por *Myron Malkiel Jirmounsky* — 1 volume de 144 páginas 17\$50
- «OS SERMÕES DE GIL VICENTE E A ARTE DE PREGAR» — por *Joaquim de Carvalho* — 1 volume de 88 pág. 15\$00
- «AUTO DE SANTO ANTÔNIO» — por *Afonso Alvares* — Prefácio, notas e Glossário do Prof. *Almeida Lucas* — 1 volume de 80 páginas 12\$50
- «ENSAIOS DE FILOLOGIA ROMÂNICA» — por *Harri Meier* — 1 volume de 260 páginas 30\$00
- «SORTE» — Romance de *Fernanda de Castro*, capa de *Inês Guerreiro* — 1 volume de 232 páginas ... 20\$00
- «ANTERO DE QUENTAL E A MULHER» — Ensaio de *Rui Galvão de Carvalho* — 1 vol. de 60 pág. e 4 ilustr. ... 15\$00
- «A EXPRESSÃO LÉXICO-GRAMATICAL DO 'LEAL CONSELHEIRO'» — 2.ª edição — por *Herbert Palhano* — 1 vol. com 184 pág. e o retrato de D. Duarte 20\$00
- «ELOGIO DO CONTISTA TRINDADE COELHO» — por *Júlio de Lemos* — 1 volume de 56 páginas 15\$00
- «LIÇÕES DE TERMINOLOGIA MÉDICA» — pelo Prof. *Paulo Mangabeira Albernaz* — 1 vol. de 64 páginas ... 15\$00
- «HISSOPE» — Poema herói-cômico em 8 cantos — Reprodução de um Manuscrito inédito do Século XVIII, com Prefácio e anotações de *José Pereira Tavares* — 1 vol. de 192 páginas 25\$00
- «GONZAGA E A JUSTIÇA» — Confronto de *Baltasar Gracián* e *Tomás António Gonzaga* — por *João de Castro Osório* — 1 vol. de 80 páginas 15\$00

No Pará — Agência Martins :: Em Manaus — Gavinho & Gonçalves
 Depositário no Rio de Janeiro — Livraria Antunes :: Em São Paulo — Livraria Teixeira :: Em Porto Alegre — Livraria do Globo :: Em Curitiba — Livraria Ghignone
 No Brasil os preços são os mesmos à razão de 1 cruzeiro por escudo

Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África
Sede—R. do Comércio, 85—Lisboa ● Sucursal—R. Infante D. Henrique, 73—Porto
Serviço rápido de passageiros e carga para a África e América do Norte

FROTA DA C. N. N.

Navios de passageiros em serviço	Tons. D. W.	Tons. deslocamento	Navios de carga em serviço	Tons. D. W.	Tons. deslocamento
Moçambique	9.423	18.220	Sofala	12.145	18.520
Angola	9.550	18.250	Moçâmedes	9.120	12.990
Nyassa	9.130	17.442	Rovuma	9.120	12.990
Quanza	6.230	11.550	S. Tomé	9.050	12.550
Índia	7.000	11.400	Nacala	3.370	5.130
Timor	7.000	11.400	Tagus	1.630	2.320
Chinde	1.475	2.700	Angoche	1.240	1.950
Luabo	1.805	3.030	Em construção:		
Zambézia	1.857	3.538	Save		
Lúrio	1.857	3.538			

Agências em todos os portos africanos e nos principais portos do Mundo

MALA REAL INGLESA

(ROYAL MAIL LINES, LIMITED.)

AGENTES EM LISBOA:

JAMES RAWES & C^o LTD. e E. PINTO BASTO & C.^a, Lda.

m/v HIGHLAND BRIGADE	9 JULHO	VIGO E LONDRES	Passageiros de 1. ^a e 3. ^a classes	E. PINTO BASTO & C. ^a , Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1. ^o Telefone 31581 (7 linhas)
m/v HIGHLAND MONARCH	19 JULHO	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEU E BUENOS AIRES	Passageiros de 1. ^a e 3. ^a classes	
s/s ALCANTARA	21 JULHO	CHERBOURG E SOUTHAMPTON	Passageiros de 1. ^a , 2. ^a e 3. ^a classes e carga geral	JAMES RAWES & C. ^a , LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1. ^o Telefones 23232-3-4
s/s ANDES	28 JULHO	CHERBOURG E SOUTHAMPTON	Passageiros de 1. ^a e 2. ^a classes, carga geral e de frigorífico	
m/v HIGHLAND CHIEFTAIN	30 JULHO	VIGO E LONDRES	Passageiros de 1. ^a e 3. ^a classes	E. PINTO BASTO & C. ^a , Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1. ^o Telefone 31581 (7 linhas)

Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Agentes em Lisboa: COMPANHIA UNIÃO FABRIL (Secção Marítima)
Rua do Comércio, 39 — Telefone 3 051

FROTA

n/m «África Ocidental»	1.504	Ton.	n/m «Cartaxo»	1.376	Ton.
n/m «Alcobaça»	9.437	>	n/m «Colares»	1.376	>
n/v «Alcoutim»	10.526	>	n/m «Conceição Maria»	2.974	>
n/m «Alfredo da Silva»	5.500	>	n/m «Coruche»	1.376	>
n/m «Alexandre Silva»	2.974	>	n/v «Costeiro»	900	>
n/m «Alemquer»	9.437	>	n/v «Costeiro Segundo»	490	>
n/v «Alferrarede»	2.118	>	n/m «Costeiro Terceiro»	1.426	>
n/m «Almeirim»	9.437	>	n/m «Covilhã»	1.376	>
n/v «Amarante»	12.595	>	n/v «Cunene»	9.800	>
n/m «Ambrizete»	9.100	>	n/v «Foca»	2.018	>
n/m «Ana Mafalda»	5.500	>	n/v «Inhambane»	9.619	>
n/m «Andulo»	9.100	>	n/v «Luso»	10.125	>
n/m «António Carlos»	2.974	>	n/v «Maria Amélia»	3.005	>
n/m «Arraiolos»	9.437	>	n/v «Mello»	6.253	>
n/m «Belas»	7.100	>	n/v «Mirandella»	7.000	>
n/m «Borba»	7.145	>	n/m «São Macário»	1.221	>
n/m «Braga»	7.110	>	n/v «Saudades»	6.430	>
n/m «Bragança»	7.110	>	n/v «Zé Manel»	1.220	>

TOTAL: 186.415 TONELADAS

Rebocadores — «Africa», «Cintra», «Estoril», «Freixo», «São Cristóvão», «Soure»

Lanchas a motor — «Garota», «Bilhão», «Obidos», «Maquela», «Carocha»

34 Batelões (19 de 500 ton. 13 de 400 ton. e 2 de 250 ton.); 24 Fragatas (2.150 ton.); 1 Barca de água (250 ton.) e 1 Draga «Barreiro» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m³ cada

Em construção nos estaleiros da C. U. F.: 2 Navios de 5.500 ton. para 36 passageiros e carga, cada um;

2 Rebocadores de 1.200 ton, cada um

Carreiras da Lisboa para: Norte de Europa — Norte de África — Cabo Verde — Guiné — Angola — Argentina

— Chile — Estados Unidos — Terra Nova — Groenlândia e Costa de Portugal

Importante — A Companhia que mais navios tem ao seu serviço construídos em Portugal nos estaleiros da Companhia União Fabril no Barreiro e Lisboa

DICIONÁRIO COROGRÁFICO

De Portugal Continental e Insular

Arqueológico, Biográfico, Etimológico, Heráldico, Hidrográfico,
Histórico e Orográfico

Por AMÉRICO COSTA

Esta obra de ilimitada utilidade, coordenada por especialistas e da qual a **Livraria Civilização** tomou o encargo de prosseguir na sua publicação, abrange todo o

CONTINENTE, MADEIRA E AÇORES

Distritos, cidades, concelhos, vilas, freguesias, povoações, aldeias, lugares, herdades, quintas, casais, granjas, praias, portos, faróis, rios, ribeiros, montes, serras, matas, lagoas, termas, cabos, fontes, minas, castelos, praças, fontes minerais, monumentos nacionais, igrejas, capelas, mosteiros, ruas, travessas, becos e largos das principais cidades; serviços telégrafo-postais, ferroviários, hidráulicos, eléctricos, transportes, automóveis, turismo, fastos, epopeias, varões ilustres, lendas, etc., etc.

Consta de 12 volumes, com cerca de 15.000 páginas, centenas de gravuras, mapas e brasões referentes a cada um dos concelhos do Continente, Madeira e Açores.

Custa, completo e encadernado, capa de percalina Esc. 2.800\$00;

capa de percalina com lombada de carneira Esc. 2.920\$00

O Dicionário Corográfico não será reimpresso

Completamos colecções fornecendo mapas, cadernos, fascículos ou volumes em falta

Vendas a pronto pagamento ou por pagamentos suaves

Pedidos de esclarecimentos à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Rua do Almada, 107 — PORTO — PORTUGAL

Livraria Luso-Espanhola, Lda.

Telefone 24917

RUA NOVA DO ALMADA, 88

L I S B O A

Rua do Carmo, 20-A, 1.º

Rua da Sofia, 78-1.º

Telefone 24076 — Porto

Telef. 2799—Coimbra

GRANDES BIOGRAFIAS

Volumes luxuosamente encadernados em tela com gravuras e sobrecapas a cores

ADALBERTO, Príncipe de Baviera — <i>Eugénio Beauharnais</i> , bastardo de Napoleão	75\$00
BELLOC, Hilaire — <i>Maria Antonieta</i>	50\$00
BRINTON, Crane — <i>As Vidas de Talleyrand</i>	40\$00
BUCHAN, John — <i>Augusto</i>	75\$00
CURIE, Eva — <i>A vida heróica de Maria Curie</i>	110\$00
CHESTERTON, Gilbert K. — <i>Autobiografia</i> (2.ª ed.)	60\$00
EINSTEIN, Alfredo — <i>Mozart</i>	80\$00
FÜLOP-MILLER, René — <i>Santos que comoveram o Mundo</i>	75\$00
HOLSAPPLE, Lloyd B. — <i>Constantino, o Grande</i>	70\$00
LOJENDIO, Luís Maria de. — <i>Gonçalo de Córdova</i> — O Grande Capitão — <i>Savonarola</i>	100\$00
LOON, H. W. Van — <i>Rembrandt</i>	65\$00
LLANOS Y TORRIGLIA, F. de — <i>Maria I de Inglaterra</i> — A Sanguinária — Rainha de Espanha	125\$00
MARAÑON, Gregorio — <i>Tibério</i> . — História de um ressentimento (4.ª ed.) — <i>António Perez</i> . — Dois volumes	150\$00 275\$00
MARCU, Valeriu — <i>Maquiavel</i> . — A escola do poder	35\$00
MAURA, Duque de — <i>Vida e reinado de Carlos II</i> . Três volumes	225\$00
— <i>O Príncipe que morreu de amor</i>	75\$00
MAUROIS, André — <i>Memórias</i> (2.ª ed.)	45\$00
MERRIMAN, R. B. — <i>Carlos V. O Imperador e o Império espanhol no Velho e Novo Mundo</i> (4.ª ed.)	45\$00
— <i>Solimão o Magnífico</i>	45\$00
MICHIELI, Augusto Adriano — <i>O Duque dos Abruzzos e seus feitos</i>	90\$00
MUÑOZ DE SAN PEDRO, Miguel — <i>Diogo Garcia de Paredes. Hércules e Sansão de Espanha</i>	125\$00
QUEIROZ VELLOSO, J. M. de — <i>D. Sebastião</i>	75\$00
ROMIEU, Emilie y Georges — <i>A vida das irmãs Brontë</i>	55\$00
SEMENTOWSKI-KURILO, Nicolai — <i>Alexandre I. Eufonia e recolhimento de uma alma</i>	55\$00
SILIO CORTES, César — <i>Isabel a Católica. Fundadora de Espanha</i>	100\$00
TASSONI ESTENSE, Alexandre — <i>Eugénio de Saboia</i>	50\$00
THIEL, Rudolf — <i>Contra a morte e o demónio</i> — Da vida dos grandes médicos	75\$00
WALSH, W. T. — <i>Filipe II</i> (2.ª ed.)	150\$00
— <i>Santa Teresa de Ávila</i>	60\$00
— <i>Personagens da Inquisição</i>	150\$00
WELLS, H. G. — <i>Tentativa de autobiografia</i>	60\$00
XAVIER, Adro — <i>O Duque de Gandia. O nobre Santo do Primeiro Império</i>	65\$00
XIMENES DE SANDOVAL, Filipe — <i>António Alcalá Saliano. O homem que não chegou</i>	190\$00

OCIDENTE

O BRASILEIRO PORTUGUESAS

reprodução em fac-símil das 1.ª edição para
REVISTA DE PORTUGAL

I — OS LUSÍADAS de LUIS DE CAMÕES

Com Prefácio e Notas de Cândido Braga
1 volume brochado — 10700 Escudinhos — 22500

II — O MENINO
OCIDENTE

COM ESTUDO E NOTAS DE VÍTOR DE ALMEIDA
E ERGOO BILÍNGUE DE MACHADO
Edição de 800 exemplares de 1 a 800
Em brochura — 24200

N.º 1 a 100 — Todas impressas em papel off-set
Em folhas — 280200 Com encad. (casco interno de pele — 250400

III — CANÇIONÁRIO DA EPILOGIA NACIONAL
(AMÉRICA COLÔMBIA ESTABELECIDA)

Letras, Comentários e Glossário por Tito Parocho Machado
1 volume brochado

1.ª edição integral em tomos de 24 folhas de composição tipográfica
for e 18 de reprodução de M.ª — Assinatura de cada 5 tomos
a partir de 11.ª edição comum — 126200 Edição especial — 222400
Volume I 108 pag. mais 80 de fac-símil — 150200 e 220400
Volume II — A concluir

VOLUME XXXIX — 1960

JULHO A DEZEMBRO

1960 — 1961 — 1962 — 1963 — 1964 — 1965 — 1966 — 1967 — 1968 — 1969 — 1970

OBRAS-PRIMAS PORTUGUESAS

reproduzidas em *fac-simile* das I.ª edições pela

«REVISTA DE PORTUGAL»

I—«OS LUSÍADAS» de LUÍS DE CAMÕES

Com Prefácio e Notas de *Cláudio Basto*

1 volume brochado — 40\$00. Encadernado — 55\$00

II—«OS ÚLTIMOS FINS DO HOMEM»

PELO P.º MANUEL BERNARDES

COM PREFÁCIO E NOTAS DE *VIEIRA DE ALMEIDA*
E ESBOÇO BIO-BIBLIOGRÁFICO POR *BARBOSA MACHADO*

Edição de 600 exemplares numerados de 1 a 600

Em brochura — 240\$00

N.ºs 1 a 100 — Todos impressos em papel offset

Em folhas — 260\$00. Com encadernação inteira de pele — 350\$00

III—«CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL»

(ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI)

Leitura, Comentários e Glossário por *Elza Paxeco Machado*
e *José Pedro Machado*

1.ª edição integral, em tomos de 80 páginas de composição tipográfica e 16 de reprodução do Ms. — Assinatura de cada 5 tomos, a partir do 11.º, edição comum — 125\$00. Edição especial — 225\$00.

Volume I, 408 pág. mais 80 de *fac-simile* — 150\$00 e 250\$00

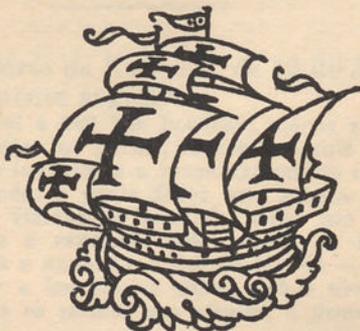
Volume II — A concluir

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA
MENSAL

Fundada em 1938

DIRECTOR: ÁLVARO PINTO



VOLUME XXXIX — 1950
(JULHO A DEZEMBRO)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — R. DE S. FÉLIX, 41-I.º, DT.º
TIP. DA EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — LISBOA

EM PROL DA CULTURA

VII

Pessoalmente ou por escrito, têm sido animadores e de boa fonte os estímulos ao prosseguimento desta singela campanha em prol da Cultura, sem faltarem, no entanto, as naturais perguntas: Conseguir-se-á alguma coisa? Valerá a pena falar e tornar a falar naquilo que outros vão praticando e tornando a praticar em sentido oposto? Cremos que vale sempre a pena e que alguma coisa se há-de conseguir. A gente nunca vê os resultados das lutas mais desinteressadas em que se mete. Mas a nossa obrigação é persistir, crer e semear. O vento, os pássaros, as abelhas, espalham as sementes, as flores, o pólen, sem cuidarem de saber o que nasce. E a verdade é que sempre nasce alguma coisa. As sugestões vão correndo. Não quadram aqui. Não quadram além. Mas lembram, apontam factos, que precisam de correctivo. Os responsáveis não gostam de reparos, porque são infalíveis. No entanto, reflectem e aguardam a primeira ocasião para darem outro feitio às sugestões e as apresentarem depois como suas. Não importa o processo. O essencial é corrigir os desvios e prestigiar a Cultura. O resto, mera vaidade, birras de crianças malcriadas, pouco vale como essência útil.

O 1.º artigo do '*Diário de Notícias*', de 12 de Junho, terminava com este período altamente sugestivo:

«Como seria agradável e útil que houvesse menos salvadores a salvar-nos, menos profetas a gritar às portas, menos generais a falar, menos estrategistas no civil, menos inventores a inventar bombas e catástrofes! Como seria belo, c'os diabos!, poder a gente fazer uma soneca sem ter de escutar um senador americano, o vizinho do segundo andar aos pulos, adivinhar o frondoso olho do Kremlin a espreitar pelo buraco da fechadura, sem ter de ouvir um sujeito na rua a anunciar o fim do Mundo — e, *pelo que nos diz respeito, para nos alegrar e levantar o moral, sob o nosso céu clemente, a incansável rádio, por todos os séculos dos séculos, a gemer, bem guitarrado, o fado choradinho*».

Sublinhámos o *que nos diz respeito* e que podemos e devemos corrigir com energia, sobretudo na Emissora Nacional, órgão do Estado, onde, a par de alguns programas bons, substanciosos, educativos, culturais, se atira para os ares tanta futilidade dissolvente, tanto enxovalho à linguagem e ao bom senso e tanto *fadinho* nauseante. A Emissora chama-se Nacional e tem por objectivo predominante recrear com elevação, educar e salientar os valores nacionais. Pois grande parte do tempo gasta-o com música estrangeira, teatro estrangeiro, cançonetas estrangeiras, artistas estrangeiros — sem o devido relevo às produções nacionais. Há, repetimos, alguns bons programas na Emissora, que, apesar das falhas, é a estação mais correcta e elevada. Mas, o conjunto anda enormemente desequilibrado, alguns locutores fazem-se excessivo reclamo a si próprios e abusam da pilhéria de barraca de feira, o tal *fadinho*

bem guitarrado é nota deveras deprimente e, por quaisquer caprichos do destino, a estação transformou-se em feudo de meia dúzia de grupinhos, que tudo mandam e cozinham, apresentando-se uns aos outros numa constante exibição de vaidades, que serve seus interesses pessoais melhor que os interesses da Cultura. Dada a prodigiosa influência que exerce hoje a rádio em toda a população, ela devia ser dirigida e realizada nos mínimos pormenores com o máximo dos escrúpulos. Liguem a horas diferentes, mudem duma estação para outra, tornem a mudar, tenham paciência alguns minutos e, se não tiveram a sorte dum bom trecho de música ou de uma boa palestra de distinto professor, digam se é útil à reconstituição moral e intelectual do País a incorrecta fala da maioria dos locutores, a lamurienda declamação de versos desfigurados, a exibição de fantasias alucinantes, o excesso de *jazz*, de produções estrangeiras medíocres, do triste *fadinho* e de constantes submissões ao mau gosto do radiouvinte. Em nome da Cultura e a bem da Nação, há que reformar profundamente os programas de todas as estações e sobretudo o da Emissora, esse Organismo do Estado, que tanto e com tanta facilidade pode contribuir para uma superior valorização da Grei, se lhe atribuírem um bem ponderado plano de trabalhos e o obrigarem a cumprí-lo com dedicação, inteligência e firme vontade nacional.

Na rubrica «O Compositor da Semana», desde Dezembro a Junho já figuraram 30 Compositores estrangeiros e nem um só nacional. Continuaremos a fazer a contagem até que a Emissora se lembre dos nossos infelizes Compositores, ao menos dos mortos. Muito devem estranhar os radiouvintes dalém fronteira que na Estação oficial portuguesa se prestem todas as honras e homenagens aos Compositores estrangeiros e não se gaste uma palavra com os nacionais. Uns estranharão; outros julgarão que não se fala neles porque não existem. E aqui é que está a parte mais antipática e antipatriótica do ostracismo a que a Emissora Nacional tem votado naquela rubrica os Compositores nacionais.

Com grande entusiasmo e alegria a população lisboeta vibrou com as marchas dos bairros, feliz maneira de a Câmara de Lisboa festejar os Santos do mês de Junho. Repetimos a verdade irrefutável — com grande entusiasmo e alegria. Muito ao contrário, os infectos *fadinhos* só deprimem, entristecem e dão volta ao estômago. Dêem alegria e movimento ao povo de Portugal, que tanto se tem erguido nestes últimos anos de vida pacífica e recuperadora. E suprimam inexoravelmente tudo o que lhe possa recordar esses ominosos tempos em que um cantor «de cigarro ao canto da boca, olhos em alvo e faixa a arrebentar o peito», simbolizava o povo inferior que éramos «incapaz de compreender a vida moderna das nações civilizadas». Em nome da Cultura, considere-se indesejável, subversiva, fora da lei, essa linguagem funesta a gemer nas cordas da guitarra.

A Feira das Indústrias continua a revelar coisas extraordinárias. Muitos artigos que se vendiam como estrangeiros são fabricados em Portugal. Alguns até já baixaram de preço por causa disso! A rádio agravou a psicose do anti-nacional e, assim, é preciso pôr marcas estrangeiras nos produtos nacionais para terem venda. Há semanas, pedimos para Paris um artigo com marca francesa e a indicação dum fabricante. Não se encontrou nem o objecto nem o fabricante. A mistificação produziu-se para iludir o comprador. Há uma escritora portuguesa, que usa dois nomes. Quando os livros trazem o nome da Autora *em estrangeiro* vendem-se bem; quando trazem o nome em português, não se vendem. Nas Emissoras, no Teatro, no Cinema — é absolutamente indispensável que se estabeleça um mínimo de exhibições nacionais para completarmos o melhor possível a reintegração de todas as nossas características peculiares. É forte e absorvente o derrotismo nacional, a febre do exótico. Urge lutar enèrgicamente contra esse vício, visto possuímos elementos de primeira ordem em todos os ramos da actividade humana. Até já possuímos *espadas* tão valentes, sabedores e decididos como os melhores espanhóis.

Na sua habitual Crónica de Arte, Diogo de Macedo fala adiante das falsificações de quadros portugueses que, de vez em quando, aparecem à venda no estrangeiro. O facto é lamentável e precisa de ser minuciosamente inquirido pelos nossos Cônsules, mas é uma lição que nos oferecem os estrangeiros dando frequentemente às nossas actividades mais valor do que nós próprios. Depois destes crimes, costuma subir a cotação das vítimas, que, decerto, prefeririam que a Cultura nacional fosse mais justa e compreensiva.

Conforme escreve o Professor Sebastião Morão, no seu estudo «O destino da Língua Portuguesa na Índia», os Damanenses estão privados de aprender o nosso Idioma, porque, não havendo ensino secundário em Damão e sendo-lhes difícil a deslocação a Goa, optam pelo estudo em Bombaim, onde chegam em poucas horas de comboio. Apelamos para os titulares da Pasta das Colónias, sempre tão atentos ao Progresso e Cultura do Ultramar a fim de que encontrem solução que satisfaça a este problema tão grave como urgente.

Já há Director da Biblioteca Nacional. Sim, já há Director; o que não há é... Biblioteca, pois aquilo é tão-sòmente uma pavorosa arrecadação de livros, em que todas as raridades estão condenadas a desaparecer, vítimas da humidade, da poeira, do bicho e, vez por outra, dos gatunos. Não havia estradas e fizeram-se estradas.

Não havia navios e adquiriram-se navios, de guerra e mercantes. Não havia instalações para o exército e hoje temos um exército bem equipado e bem disciplinado. Não havia orçamentos saudáveis e hoje não há orçamento sem saldo. Só a pobre da Biblioteca Nacional está ali abandonada e taciturna, em autêntica instalação tumular, condenada a um vergonhoso suicídio lento. Acudam à pobre abandonada. A primeira Biblioteca dum País é o seu índice de Cultura. A nossa só pode significar abandono, desleixo, quase desprezo pelos mais altos produtos do Espírito, que são os livros.

A Liga de Profilaxia Social, que tem pugnado sempre pelo desenvolvimento de Bibliotecas populares em todo o País, costuma oferecer livros a quantos lhos solicitem, mas vai observando muito justamente que fica mal a Câmaras arrecadadoras de impostos e outras receitas solicitarem gratuitamente aquilo que tanto custa a produzir. Tem toda a razão a Liga. Câmaras, Casas do Povo, Centros de recreio e vários outros organismos fuzilam constantemente os Editores com o clássico pedido: «*Desejando criar uma pequena biblioteca que possa fazer luz no espírito atrasado dos seus associados... etc., etc.*». Ora isto compete ao Estado e aos orçamentos privativos dos que deviam ter mais pejo de pedir o pão dos outros. Como também deviam ser menos desprezadores da Cultura os que, a título de economia, suspendem assinaturas e compras mantidas há muito por seus antecessores. Registemos em livro negro esses inimigos do esforço cultural, sejam eles governadores civis, reitores de liceu, presidentes de câmaras ou outros quaisquer.

No n.º 2 da revista '*Universidad*', de Tarija, Bolívia, lemos esta nota de delicado sabor:

«*La Donación de la Fundación Patiño* — Esta meritísima institución donó a nuestra Universidad, con destino a la creación de su biblioteca, la suma de CIENTO CINCUENTA MIL BOLIVIANOS; suma que se recibió por partidas. Los pedidos de obras se han hecho, previa cuidadosa selección, directamente por el Rectorado, con el deseo de ahorrar comisiones y ganancias de intermediarios. De esta manera se ha obtenido condiciones ventajosas en la adquisición; pues, estas se han realizado con un descuento hasta del 30 % sobre el precio de catálogo. Se ha pedido libros a las principales casas editoras de España, Méjico, Argentina, Chile, Uruguay etc. — En poco tiempo más se recibirá todas las obras pedidas y será posible inaugurar oficialmente nuestra biblioteca, acto al que deseamos dar todo el relieve que merece.»

Srs. Milionários portugueses: quando se resolverão V. Ex.^{as} a destinar também um pouco de suas disponibilidades à criação de bibliotecas? Não citámos o exemplo dum grande País como os Estados Unidos. A Bolívia, apesar de sua larga extensão territorial, não conta mais de 4 milhões de habitantes.

ROBERTO IVENS

NO 1.º CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO¹

No ano comemorativo do 1.º centenário do nascimento de Roberto Ivens, notável português, que pela vez primeira viu a luz do dia na ilha de S. Miguel, em 12 de Junho de 1850, não podia o Liceu de Ponta Delgada deixar de se associar às manifestações que devem assinalar tão festiva data, continuando assim esta escola a linha de conduta, que de há muito traçou, de lembrar oportunamente acontecimentos, individualidades e épocas notáveis da História pátria, como meio de fortalecer no ânimo dos alunos o seu orgulho de portugueses e a honra que lhes dá o pertencerem a esta gloriosa Nação.

Sobre os meus ombros tomei o encargo de alguma coisa vos dizer neste momento acerca do célebre explorador dos sertões africanos e da sua obra. Eis-me, portanto, no desempenho da tarefa, que executarei o melhor que puder e souber, sem pretender mostrar erudição, antes exprimindo-me em linguagem quanto possível clara e acessível, como convém a um auditório constituído em grande parte por estudantes do ensino médio, aos quais este trabalho se destina.

As figuras de Brito Capelo e Roberto Ivens, ambos oficiais da armada real, servem à maravilha para demonstrar que os portugueses do Século XIX como os do Século XX, bem como os de outrora, dos Séculos XV e XVI, se mostram, quando está em causa o prestígio da nacionalidade, prontos a todos os sacrifícios e trabalhos, e não hesitam um só momento perante os maiores perigos, mesmo ante o da perda das suas vidas, para que o bom nome da Pátria e a honra da Bandeira saiam puros e imaculados do ardor dos combates e da ousadia das empresas.

Foi o que aconteceu com Nuno Álvares, com Afonso de Albuquerque e com outros ainda, em épocas passadas; com Mouzinho de Albuquerque, Brito Capelo e Roberto Ivens no Século XIX; com Carvalho Araújo, nos nossos dias.

Situam-se entre 1850 e 1880 as grandes viagens de exploração científica do continente negro.

Quais os intuitos e os objectivos de tais empresas?

Assinalam-lhes os historiadores, de um modo geral, três fins principais: — a descoberta do Niger e do Tchad; o problema das nascentes do Nilo; a penetração na África equatorial e na região dos grandes lagos.

¹ — Lição proferida pelo Reitor do Liceu Nacional de Ponta Delgada aos alunos desse Estabelecimento de ensino.

Os desígnios científicos que presidiam a estas audaciosas e arriscadíssimas viagens eram paralelamente acompanhados de propósitos de expansão e de partilha de territórios.

Vejam os professores Malet e Grillet no seu óptimo compêndio escolar '*XIX^o Siècle*':

«Até então, (1880), não haviam os Governos procurado utilizar para fins políticos os esforços dos seus viajantes; dirigiam suas atenções para a Ásia e a América, continentes considerados mais ricos e mais acessíveis. Outra coisa quase não buscavam em África senão a fixação de algumas estações comerciais nos estuários dos rios ou noutros pontos bem escolhidos.

A partir de 1880 entra a História da África em nova fase.

Ao período da exploração sucede o da partilha. A descoberta científica e desinteressada dá lugar ao inventário pormenorizado das aquisições que se vão efectuando.

Esta transformação foi o resultado das grandes descobertas, em particular das de Stanley, que puseram em foco as riquezas até então desconhecidas do continente negro.

O desejo de possuir domínios em África foi então tanto mais vivo quanto mais grave se apresentava aos Estados industriais o problema do excesso de produção.

A adopção do sistema proteccionista, que restringia os mercados dos países vizinhos, fazia sentir a necessidade de novos mercados para os produtos das indústrias nacionais e compreender a importância de um vasto domínio colonial que em troca fornecesse as matérias-primas indispensáveis.

Além disso, o regime da paz armada tornava impossível toda a expansão territorial na Europa, a não ser que se provocasse violenta e sangrenta guerra.

Os outros continentes, ou fechavam-se aos empreendimentos europeus, como a América, ou estavam já ocupados, como a Ásia. Só a África oferecia territórios desocupados e deixava às potências europeias a possibilidade de repartirem entre si um vasto império colonial.

No começo do Século XX a partilha da África era um facto consumado».

O ajustamento das posições territoriais das potências europeias em África não se fez sem que entre os interessados surgissem por vezes longas e graves desinteligências.

O *ultimatum* de 1890, que tanto agitou a opinião pública portuguesa, não foi caso único na História da expansão europeia no continente negro. Sirva ao menos de consolação ao nosso brio ofendido o conhecimento de que as grandes potências também umas às outras se afrontaram e quase se agrediram por motivo da partilha dos territórios africanos.

A Inglaterra, a França e a Alemanha encontraram-se na foz do Niger, em competição áspera que provocou a tensão diplomática. As negociações arrastaram-se penosamente, com transigências mútuas mais ou menos voluntárias até se chegar à Convenção de 14

de Junho de 1898, pela qual foi possível constituir a África Ocidental francesa.

A política colonial da Alemanha, em virtude da qual esta potência europeia se fixara sólidamente nas duas costas do continente africano, até ao desastre da guerra de 1914-18, que a privou da posse daqueles territórios, também provocou à Inglaterra alguns pesadelos, obrigando-a a desistir de obter uma passagem entre o Estado do Congo e os territórios alemães. O Governo de Londres, para manter a posse do sultanato de Zanzibar e da Uganda teve de ceder à Alemanha a ilha de Heligoland, no mar do Norte. Sabe-se como, alguns anos mais tarde, esta troca foi danosa aos ingleses nas duas últimas grandes guerras.

Actualmente, Heligoland já não existe, como base militar, destruída a poder de explosivos.

Já nos nossos dias, voltou a acender-se a rivalidade entre as potências, desta vez entre a França e a Alemanha, em 1905, com a visita inesperada do imperador Guilherme II a Tânger e o discurso violento ali pronunciado pelo chefe de Estado Alemão contra a política francesa em Marrocos e depois, em 1911, com o envio pelo Governo de Berlim da canhoneira *Panther* a Agadir, a fim de obrigar a França a determinadas concessões no norte de África.

De novo se arrastaram penosamente as negociações diplomáticas, por vezes com risco de uma conflagração, até que se acalmaram os ânimos com a assinatura do tratado de 4 de Novembro de 1911, pelo qual foi reconhecido à França o protectorado de Marrocos, não sem o sacrifício de pesadas perdas territoriais na África equatorial.

Também no Egipto se encontraram em áspera oposição a Inglaterra e a França, culminando a rivalidade com o célebre incidente de Fachoda, que por pouco não acendeu a guerra entre as duas nações.

Os ingleses mantiveram a ocupação do Egipto e do Sudão e pela convenção de 1904 a França deixou campo livre à Inglaterra no Baixo-Nilo.

A questão do Sudão anglo-egípcio voltou, como se sabe, no nosso tempo à tela das discussões internacionais.

Mostram os factos, rapidamente apontados e ainda outros que por falta de tempo se omitem, que não foram apenas os portugueses a apresentar razões de queixa, feridos nas suas susceptibilidades quando em África pretendiam definir e consolidar posições.

Outros povos europeus, bem mais poderosos do que nós, se encontraram naquele continente por idênticos motivos em situações litigiosas, que os puseram à beira de graves conflitos armados.

Impossível é falar da partilha da África pelas nações europeias sem uma referência, ainda que sucinta, ao Congo Belga, outrora Estado Independente do Congo, território imenso e rico, cuja fronteira, em grande extensão, confronta com a da nossa província de Angola.

Esta possessão da Bélgica, que resultou da transformação da Associação Internacional Africana no Estado Independente do

Congo, abrange a maior parte da bacia deste rio e foi criação da Conferência de Berlim, em que os delegados de Portugal, não obstante a má vontade das potências, conseguiram salvar para a nossa soberania consideráveis porções de território na margem esquerda do Zaire. A instalação completa dos belgas nesta região não se conservou também sem fortes atritos com a França, motivados pela posse da bacia do Ugandi. Ao fim e ao cabo, porém, acomodaram-se os interesses em jogo e há muito que naquela parte do Mundo se não levantam dificuldades entre os povos vizinhos.

Quem foram os grandes exploradores africanos do Século XIX? Vejamos, em rápido relance, os nomes de alguns deles, socorrendo-nos para tanto do que dizem os já citados professores Malet e Grillet:

«O conhecimento da África equatorial e da região dos Grandes Lagos foi obra de Livingstone e de Stanley.

«David Livingstone, missionário escossês, levou a cabo a primeira travessia de África de uma à outra costa, de S. Paulo de Luanda em Angola a Quilimane em Moçambique; explorou a bacia do Zambeze, descobriu a maior parte dos grandes lagos e durante mais de trinta anos (1840-1875) empreendeu viagens de estudo e a evangelização dos negros.

«Após uma primeira viagem à procura de Livingstone, em 1871, Stanley, que partiu de Bagamoyo na costa oriental, conseguiu descer o Congo e alcançar em 1877 Boma, no Atlântico, próximo do estuário, numa exploração que durou cerca de três anos, de 1874 a 1877.

«À custa de terríveis fadigas, caminhando no sentido da corrente do rio, conseguiu resolver o problema geográfico do Congo».

Orgulha-se a França do seu notável explorador, o oficial de marinha Savorgnan de Brazza (de origem italiana) que pela sua energia, persistência e bondade, soube constituir a grande colónia do Congo Francês.

Outros nomes há a acrescentar a esta lista: o do alemão Nachtigall, o do francês René Gaillié, os dos ingleses Speke e Cameron, todos exploradores célebres.

Como reagiu Portugal perante o forte movimento expansionista das Potências?

Atravessava então a sociedade portuguesa um período de estagnação e apatia, pelo menos no respeitante às colónias, pouco propício a grandes empresas no ultramar.

Em 1871, na conferência do Casino Lisbonense, apontava Antero de Quental, como uma das causas da decadência dos povos peninsulares, as «conquistas longínquas», dando para alicerce do seu asserto argumentos genéricos e fugidios que a História nem sempre confirmou.

Naquele mesmo ano apareceu o primeiro número das '*Farpas*' em que Eça de Queirós, a traços carregados, pinta o quadro desalentador da situação social portuguesa nos vários aspectos da vida da nação: na política, na literatura, na arte, na religião, na educa-

ção, na moral, e nos cafés. E conclui pela afirmação sentenciosa de que «todo o país não é mais do que uma agregação heterogênea de inactividades que se enfastiam».

É curioso observar que neste manifesto, mais literário do que realístico, mas com um fundo de verdade, nem uma única palavra se encontra a respeito dos territórios ultramarinos, do que por lá se fazia ou não se fazia, da sua estagnação ou do seu progresso sob a bandeira nacional.

Quer isto dizer que o insigne romancista enfermava do mesmo mal que apontava aos outros. A sua curiosidade mental cingia-se apenas ao panorama social adentro das fronteiras do reino; não via para além deste o império ultramarino, com as suas fortes possibilidades económicas, como sólida garantia da independência e da integridade da Pátria.

O que é verdade, porém, é que Portugal estava desatento enquanto os mais povos europeus se movimentavam activamente nos sertões africanos.

Ouçamos o que a este respeito disse o Professor Consiglieri Pedroso, numa sessão da Sociedade de Geografia de Lisboa, em Fevereiro de 1901:

«Nós estávamos então já muito longe dos trabalhos patrióticos do Visconde de Santarém e também já bastante dos não menos patrióticos de Sá da Bandeira, e por um concurso de circunstâncias a atenção do país tinha-se desviado das colónias. Tínhamos colónias — é verdade — mas apenas como figura de retórica; tínhamos colónias só para figurarem nas cartas geográficas e para lhes mandarmos funcionários. E ao mesmo tempo as outras nações da Europa, nomeadamente a Inglaterra e a França, logo depois a Alemanha, ocupavam-se afanosamente dos assuntos coloniais, para o que lhes haviam chamado a atenção as explorações científicas e comerciais».

Impunha-se uma reacção contra esta situação deprimente, que colocava, no Século XIX, um país de navegadores e de viajantes em situação subalterna perante povos de muito menos tradições ultramarinas e de pouca ou nenhuma história colonial.

Surgiram na hora própria, ainda a tempo de salvar muito do que esteve a ponto de perder-se, alguns portugueses (não muitos) que à força de energia, de paciência e de bom-senso conseguiram que se conservassem sob a bandeira da Pátria vastos territórios a que a cobiça de estranhos muito desejava lançar mãos.

Foi a época da fundação da Sociedade de Geografia de Lisboa (1875); a realização, em 1878, em Paris, do primeiro congresso de geografia colonial em que o delegado português, Luciano Cordeiro, ameaçou sair da sala e abandonar os trabalhos se fosse aprovada uma proposta, lesiva dos nossos interesses, de ocupação do Zaire; mais tarde, em 1884, a reunião da primeira Conferência de Berlim, na qual nem tudo se perdeu, porque daquela assembleia hostil e perigosa conseguimos sair de posse dos territórios sufi-

cientes para a constituição de um Império, que faz hoje de Portugal uma grande Potência africana.

Para a valorização das terras do ultramar tornava-se necessário conhecê-las sob o ponto de vista científico. Foi o que fez o Governo Português, estimulado pela Sociedade de Geografia.

Voltemos a ouvir neste ponto o professor Consigliere Pedroso:

«Uma das questões que Luciano Cordeiro mais tomou a peito, de que se ocupou com mais amor e em que esta Sociedade se pode gloriar de com ele, seu patrono, ter colaborado, foi a das missões científicas portuguesas na África. Era necessário opor às outras Nações, que nos não queriam no interior do continente africano, novas instâncias pelo respeito aos nossos direitos, não só demonstrando-os, mas fazendo-os valer, provando-lhes que os portugueses do Século XIX tinham ainda as mesmas aptidões dos seus gloriosos antepassados dos Séculos XV e XVI. Por isso, Luciano Cordeiro se cansou em pedir a travessia do continente africano por exploradores nossos.

«Felizmente encontrou eco e auxílio no espírito penetrante e ilustrado do ministro Andrade Corvo; e graças à concordância de ideias do secretário da Sociedade de Geografia e do ministro do Ultramar determinou-se a primeira viagem dos exploradores portugueses: Serpa Pinto, Capelo e Ivens.

«Essa viagem de Serpa Pinto, bem como a de Capelo e Ivens, pode dizer-se, foi durante muito tempo o escudo que defendia e mantinha a nossa soberania em África. Enquanto durou o prestígio dessa viagem, pode ainda dizer-se, o domínio português em África teve nele a sua melhor salvaguarda».

Chefiaram Capelo e Ivens duas notáveis expedições científicas ao Ultramar. A primeira, de 1877 a 1879, de que fez também parte, até ao Bié, o major Serpa Pinto, partiu de Benguela e avançou, durante seiscentos dias, até às nescentes do Congo, Casal e Luango. Levava instruções «claras e terminantes» do Governo Português, que começavam deste modo:

«A expedição terá por principal objectivo o estudo do rio Cuango nas suas relações com o Zaire e com os territórios portugueses da costa ocidental, assim como toda a região que compreende ao sul e a sueste as origens dos rios Zambeze e Cunene, e se prolonga ao norte, até entrar pelas bacias hidrográficas do Cuanza e do Cuango...».

Dando conta dos seus objectivos e intentos patrióticos e dos trabalhos e perigos com que se houveram, dizem-nos os dois viajantes:

«Avançando para o continente africano, fomos sempre certos da grande necessidade de concluir as cartas das nossas províncias, de estudar os sertões limítrofes, torneando os caminhos importantes, e de, numa palavra, conhecer o que é nosso.

«E não se julgue que só em travessia se anda, que só em viagens de um oceano ao outro se sofre, que só com a frente para leste se cometem arrojões.

«Percorrendo quatro mil e tantos quilómetros em África,

abrangemos uma distância superior à que medeia entre Benguela e Sofala, por caminho directo; com a simples diferença de andar em piores circunstâncias, pois não caminhávamos pelo planalto a 5.500 pés, mas sim na bacia do Congo, a mais pestilencial região de África (Stanley que o diga) à altitude de 1.000 a 1.200 pés; onde a insalubridade é tal, que fomos obrigados a retirar (sob nossa palavra de honra) por absoluta impossibilidade de prosseguir».

A segunda viagem teve seu começo em 6 de Janeiro de 1884, promovida pelo ministro da Marinha e Ultramar, Manuel Pinheiro Chagas, regressando os exploradores ao Tejo em 13 de Setembro de 1885 e sendo alvo de vibrantes festas e homenagens por parte da população da capital, às quais se associaram o Governo e o Chefe do Estado, que era então el-rei D. Luís.

No salão da Câmara Municipal de Lisboa, na sessão de recepção aos dois illustres officiaes, proferiu eloquente discurso o ministro P. Chagas, que disse, entre outras coisas, o seguinte:

«No momento em que somos acusados de vivermos só das glórias do passado, Capelo e Ivens arrojam ao Mundo um desmentido heróico e mostram que a nossa terra do Século XIX não serve apenas para acabar de consumir os ossos de Vasco da Gama! Ela tem ainda a seiva generosa que pulsa no coração destes dois homens!»

Ao lermos estas palavras de Chagas, parece-nos que o notável Escriitor tinha em mente, para as desmentir, as aceradas ironias de que o crivára Eça, anos atrás, quando qualificava o seu antagonista de «último brigadeiro patriota», e estabelecia a conhecida destringença entre o patriotismo passadista e o que (na opinião de Queirós) tinha os olhos fitos no futuro.

De ambas as expedições deixaram Capelo e Ivens minucioso registo em duas obras encantadoras, que é pena a juventude portuguesa não conheça directamente. São elas *De Benguela às terras de Iaca*, em dois volumes e *De Angola à Contra-Costa*, também em dois volumes.

Ornados de numerosas e elucidativas gravuras, estes trabalhos condensam os frutos de dois arrojados empreendimentos com que aqueles officiaes da Armada enriqueceram o património da Ciência e deram a Portugal lustre e prestígio. Neles se arquivam preciosas observações sobre a geografia, a etnografia, a geologia, a fauna e a flora do grande continente; se lêem, a par de emocionantes narrativas de caça, curiosas descrições dos hábitos e costumes dos povos indígenas e em apêndices minuciosos se toma conhecimento das observações científicas feitas durante a travessia: determinações geográficas, observações magnéticas; notas sobre a meteorologia e magnetismo; observações meteorológicas; notícia dos animais enviados ao Museu de zoologia de Lisboa: aves, répteis e insectos; conchas terrestres e fluviaes, cujo estudo foi confiado ao naturalista açoriano Arruda Furtado; colecções botânicas e exemplares de minerais, de rochas e fósseis.

Sobre as plantas colhidas durante a travessia, disse o eminente botânico conde de Ficalho:

«Em resumo, pode depreender-se deste primeiro exame, que os trabalhos dos Srs. Capelo e Ivens, neste sentido especial, foram muito valiosos, e vieram enriquecer a Ciência com algumas formas novas, dando ao mesmo tempo indicações preciosas sobre a extensão de outras formas já conhecidas pelas regiões internas e absolutamente inexploradas da África central».

Colhamos algumas pequenas amostras do volumoso trabalho dos nossos viajantes, *De Angola à Contra-Costa*, apenas como exemplos do interesse que domina toda a obra.

Falando do clima de Huila e das condições deste território para a colonização portuguesa, dizem os autores, com clara previsão de acontecimentos futuros: «O clima da Huila não carece de encómios. A sua altitude, temperatura moderada, brisa fresca, regularidade de estações, tem-lhe valido justa reputação.

«Aí vivem os europeus como em plena Europa, tendo só a queixar-se de alguma bronquite ou pneumonia, doenças frequentes; pouco visitados pela febre, fortes e robustos, apresentam frequentemente estranhos exemplos de longevidade.

«A terra fértil desse país produz quanto se lembrarem de lançar-lhe; desde o pêssego e o trigo até à ginguba ou mendobi, vimos que tudo vingava com igual facilidade.

«As bastas florestas desta pitoresca região abundam em numerosas espécies úteis, hoje bem conhecidas, as quais os indígenas com muito proveito aplicam a diversos usos.

«Aí acham-se reunidas as condições para uma vasta colonização europeia, e em circunstâncias pouco fáceis de encontrar na África; é, pois, urgente torná-la o alvo de todos os nossos esforços e atenções, envidar todos os recursos para que prospere, formando o grande centro de movimento que breve irradiará para as terras do norte e nordeste».

Aludindo aos sofrimentos que a travessia do continente negro impunha, entre os quais avultava a fome, oiçamos Capelo e Ivens:

«A fome, eis o terror do sertão.

«Chuvas, frios, feras, salteadores; nada perturba e apavora, como essa terrível ideia, que ao assomar logo desmoraliza.

«Não há meio nem frase para conter e animar o homem faminto!

«Quereis vê-lo, errante e desvairado, os membros nus e emagrecidos, a pele do ventre rugada, deprimida em concavidade, divagando com o olhar emparvecido por entre a floresta em procura de qualquer coisa que lhe mitigue a fome, volvendo-se ao menor rumor onde supõe existir um réptil, mirando atento onde pensou ver uma abelha, indiferente aos vossos clamores, abandonando carga e companheiros, para vaguear em matos onde fatalmente tem de perder-se; ide à África e embrenhai-vos por essas florestas onde só o elefante e o rinoceronte vivem!

«Aí, quando ao acaso aprouver colocar-vos numa das muitas e tristes situações em que nos achámos, apreciareis bem, leitor, tudo quanto a pena aqui não pode descrever-vos!»

E para terminar, porque não é possível transcrever toda a

obra, este quadro da vida animal de noite, numa floresta dos trópicos, na região entre o Cunene e o Cubango:

«É frequente a caça, matando nós logo no começo uma empala; assim como as pegadas do elefante no terreno amolecido eram tantas, que dificilmente os bois-cavalos podiam transitar.

«Uma manada, superior a cinquenta, havia pouco tempo antes trilhado o caminho por onde nos dirigíamos, criando em fundas covas verdadeiros obstáculos à marcha regular.

«Por toda a floresta se viam árvores esgarçadas, umas fendidas pelos impulsos da tromba do formidável paquiderme, outras de raízes para o ar pelo trabalho das possantes defesas.

«É uma verdadeira ária esta zona deserta de habitantes humanos, pacífica de dia, ruidosa pela noite, tamanho é o charivari de uivos e roncões que se escapam dessas goelas esfaimadas, de que o triste viajante apenas está separado por um círculo de fogueiras!

«A hiena, sobretudo a denominada crocuta, de redondas manchas pretas, única habitadora da África austral, é de um atrevimento sem igual, levando as suas avançadas a rastejar silenciosa com o quilombo.

«O próprio crocodilo, pouco acostumado à visita do homem, mostra-se a-miúde, chegando nós a querer pescar um com o osso de boi, tantas foram as tentativas por ele feitas, para colher qualquer dos nossos quando ia na água».

Fortes razões têm os portugueses de se sentirem ufanos pelo muito que fizeram no campo das ciências, em especial da zoologia, da botânica, da geografia, da cosmografia, da medicina, da etnografia e da antropologia.

Os nossos Escritores antigos, cronistas, viajantes e missionários legaram-nos precioso e farto cabedal de informações e notícias sobre as terras que iam descobrindo para a Coroa e catequizando para a Fé. Em seus livros encontramos cópia infindável de curiosas observações sobre a fauna, a flora, os habitantes e os aspectos geográficos desses países de mistério e de lenda, que o génio dos descobridores lusitanos ia pouco a pouco desvendando.

É agradável digressão mental manusear tantas obras que nos deixaram tais Escritores, a maior parte dos quais foram Missionários que se lançaram pelo mundo na tarefa apostólica da conversão dos gentios, e, a par de tão elevado deleite do espírito, sentiremos também o orgulho de pertencer a uma Pátria, que, sem embargo da exiguidade do seu território europeu, tão largamente concorreu para o adiantamento da ciência e do saber humano.

Bem a propósito vêm aqui as palavras do Sr. Professor Luís de Pina, concernentes ao papel que nesta cruzada cabe aos nossos antigos Escritores e Missionários:

«Sem reboço e com justiça afirmamos que aos padres pregadores do verbo de Cristo deve a ciência portuguesa riquezas sem conto. No Século XVI é tão abundante que por eles se ampliou extraordinariamente o pouco que de tais regiões conhecíamos, no que respeita à Geografia, às Ciências-Naturais, à Antropologia, à Medicina, enfim.

E sem preconceito e com justiça diremos também que muitos dos primeiros naturalistas portugueses saíram das fileiras da Igreja, em particular da Companhia de Jesus. Negarão alguns, por vício ou ignorância, esta verdade. Mas, a História é sincera e bem claros os livros do nosso Renascimento».

É longa e brilhante a nossa tradição de viajeiros do mundo. Em séculos já longínquos navegámos por mares desconhecidos e penetrámos no interior dos continentes e dos sertões.

No Século XIX também o nosso esforço é digno de nota e não desdiz do espírito empreendedor e audaz da raça.

No campo das explorações científicas orgulhamo-nos de nomes como o de Anchieta, Serpa Pinto, Henrique de Carvalho, Capelo e Ivens e outros mais.

Que o exemplo que todos nos legaram sirva de incentivo para novos trabalhos e esforços. Seremos assim dignos deles e serviremos a Nação como eles a serviram.

Eis a singela lição que me sugeriu o grande feito de Capelo e Ivens, no ano em que se comemora o 1.º centenário do nascimento deste último ², na formosa ilha de S. Miguel.

² — Faleceu em Lisboa a 28 de Janeiro de 1898.

JOÃO H. ANGLIN

CAPAS PARA «OCIDENTE»

REVISTA MENSAL FUNDADA EM 1938

DIRECTOR — ALVARO PINTO

NÃO DEIXE DE ENCADERNAR OS 38 VOLUMES PUBLICADOS COM AS LINDAS CAPAS ESPECIAIS, QUE ENVIAMOS CONTRA REEMBOLSO

Percalina e lombada de pele com dizeres a ouro fino, cada uma 30\$00

Todas de linho azul, lombada dourada, cada uma 20\$00

Desde o volume XXXIV em diante 35\$00 e 25\$00

OBRAS DE EZEQUIEL DE CAMPOS

editadas pela revista 'OCIDENTE'

'O ENQUADRAMENTO GEO-ECONÓMICO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA' — 1 volume de 312 páginas com numerosos mapas e gráficos (2.ª edição)	50\$00
'PROBLEMAS FUNDAMENTAIS PORTUGUESES' — 1 volume de 232 páginas, com bastantes mapas e gráficos	30\$00

INVOCATION¹

Ye rivers of the sun, come, lap me about!
Cradle me all in rainbows' glowing fleece!
Dissolve away this night of frigid doubt!
Give me to know your touch of warmth and peace!

Ungag me — shear this somber, stifling clout
With flaming daggers quick to bring release!
Raise me a ruddy, dithyrambic shout!
Level these walls, and let my brooding cease!

The iron plow of Time has furrowed the plain
Of my heart; and in this fertile garden Pain,
Solicitous, a rose-bed now composes.

Ye rivers of the sun, come, fecundize
My parching soil, expectant as it lies...
Draw near and smile on my eternal roses!

ROBERT E. LUCKEY

(Professor de Português na Universidade de Minnesota)

¹ — Tradução do Soneto *Invocatória*, de *Leonor de Almeida*.

Vinde, rios do sol, vinde enlaçar-me!
E meu ser, nos arco-íris, embalai!
Imergi esta sombra a enregelar-me!
Por mim, vossa mão quente, repassai!...

Veludo negro, em baixa, a amordaçar-me,
Com adagas de cor, vinde, rasgai!
Hinos de rubro som, sabeí contar-me...
Os muros que me prendem, arrasai!

O Tempo, arado férrico, esmagou
A terra do meu peito, e a dor lançou
A seiva germinal de roseirais...

Vinde, rios de sol, fecundizar
Meu ressequido chão... Quero gerar,
De vós, as minhas rosas eternas!

A ESCOLA AQUITÂNICA

OS ESTUDOS E A DISCIPLINA

XII — O ESTUDO DO LATIM — INICIAÇÃO.

Por ALFREDO DE CARVALHO

Na época do Renascimento a escolaridade principiava muito cedo. Ainda antes dos sete anos as crianças eram admitidas nos Colégios e submetidas a uma disciplina por vezes bastante dura.

Porque os mais autorizados pedagogos latinos¹⁷⁴ assim aconselhavam, em tenra idade se tomava o caminho das aulas quando o sino tocava a chamar mestres e alunos, e durante longos anos se trilhava o caminho mal o dia amanhecia.

Era a escolaridade uma jornada que, encetada na curva dos sete anos, só terminava doze anos volvidos.

Todo o centro do ensino residia no Latim¹⁷⁵. Estudava-se o Latim desde a primeira aula e na roda dos dez anos do curso mantinha-se em primeiro plano a dominar o conjunto das disciplinas professadas, muito menos numerosas então do que hoje.

Aos escolares impunham-se pesadas tarefas que só à força de trabalho excessivo se conseguiriam vencer. Por esses tempos ignoravam-se aquelas doçuras pedagógicas que levam quantas vezes! o Mestre a trabalhar de mais para o aluno trabalhar de menos.

Todavia, como o ensino era ministrado por eminentes professores, a lição magistral iluminava bem os entendimentos e suscitava entusiasmo e inspirava confiança. O professor apurava-se em anos de experiência — e nada vale mais do que a experiência em semelhante actividade técnica. Pelo êxito que coroava a sua experiência se avaliava a capacidade que o distinguia.

No limiar da época moderna se estudaram regras de ensino e se marcaram passos definitivos no campo da Didáctica. Foi naturalmente o Latim a disciplina que primeiro se considerou, e no Regulamento Gouveiano o longo capítulo «*Ratio docendi*» aparece-nos como verdadeiro tratado de Metodologia da Língua Latina.

a) A PRONÚNCIA.

Na classe de iniciação denominada a dos *Abecedários* os alunos aprendiam antes de mais nada a pronunciar os sons. Na

¹⁷⁴ — Entre os pedagogos latinos mais autorizados o Regulamento menciona Quintiliano e Plínio.

¹⁷⁵ — «... *Latino sermoni cognoscendo haec schola in primis destinata est.*» (Sch. Aquit. Decimus Ordo).

sala da aula distribuíam-se por diversas bancadas segundo o seu nível de cultura, de maneira que os mais adiantados tomavam assento na bancada da frente e os principiantes na última.

O primeiro cuidado do Mestre fixava-se na pronúncia dos sons, que se exigia correcta, clara e inteligível. Como a aprendizagem para escolares de tenra idade oferecia sempre dificuldades que muito convinha atenuar, entrava-se cautelosamente neste caminho e apoiavam-se os alunos carinhosamente. Ia-se devagar medindo os passos, explorando o terreno e dominando os pontos difíceis. Pronunciava o Regente os sons até que por todos os *Abecedários* principiantes fossem bem ouvidos.

Pronunciava-os mais que uma vez com a mais perfeita clareza. Em seguida, convidava os da primeira bancada a pronunciarem por sua vez os mesmos sons exigindo-lhes uma pronúncia correcta e nítida. O exercício repetia-se nas outras bancadas e atingia por fim os *Abecedários* mais novos.

O Mestre, mais atento ao seguimento do ensino, ouvia cada um por si pronunciar os mesmos sons, corrigia defeitos, apurava, afinava, animava os menos confiantes, desfazia dúvidas, repetia as tentativas e, quando julgava oportuno, do exercício individual passava para o exercício em grupo de dois ou de três, ascendendo do grupo para o coro só quando os resultados atingidos o permitiam.

Em marcha muito lenta e calculada, se galgaram os vários degraus na pronúncia de sons e se penetrou no terreno da soletração. No trajecto nem um só instante os *Abecedários* se encontraram desamparados, pois que de todos os lados lhes eram oferecidas ajudas inteligentes.

b) A SOLETRAÇÃO.

Como pela primeira bancada se iniciava a aula, aqui se praticavam os exercícios de soletração sobre os sete salmos. Ao professor incumbia preparar sãbiamente o exercício e à frente dos alunos, que se mantinham de pé, com livros abertos, pronunciava as letras, reunia-as em sílabas e dava o modelo de soletração em tom que desde a primeira à quinta bancada todos ouvissem e entendessem.

Logo se experimentava o exercício em grupos de dois ou de três, requeria-se nesse momento a mais firme atenção de quem dirigia os ensaios de leitura de sílabas e só, quando estes se coroavam de êxito depois de neles haverem participado todos os alunos da primeira bancada, o professor se dirigia aos da segunda bancada. A estes, por trazerem cultura inferior, davam-se como base de exercício os primeiros versículos doutro salmo.

Adoptava-se o mesmo processo no ensino dirigido a uns e outros.

O importante acima de tudo (insistia especialmente Gouveia) era que nenhum aluno ficasse por ouvir. Para tal efeito recomendava-se que se voltasse ao princípio quantas vezes fosse

necessário para que a bancada de ponta a ponta, ou individualmente ou em pequenos grupos, soletrasse as palavras ¹⁷⁶.

Assim um polissílabo como *miserere* ou *furere* seria primeiro pronunciado letra a letra, em seguida sílaba a sílaba, com o concurso de tantos grupos quantas as sílabas a pronunciar, mas ao professor cabia sempre estabelecer o modelo de pronúncia quanto à letra e quanto à sílaba. E, porque os *Abeceários* da segunda bancada menos habilitados que os da primeira, venciavam mais lentamente as dificuldades da leitura, e não seguiam talvez *pari passu* a explicação do Mestre, tinham de vir em sua ajuda os mais sábios que apontavam com uma palha as letras, as sílabas e as palavras à medida que eram pronunciadas ¹⁷⁷. Desta forma os mais adiantados cooperavam no ensino e a aula tornava-se um centro vivo de simpatia em que todos se educavam uns aos outros sob o comando superior do chefe.

Para a terceira bancada o texto a soletrar era mais simples que os versículos dos sete salmos. Tratava-se, como é de crer, de textos cujas dificuldades de pronúncia se aplanavam em poucas lições e cuja leitura corrente se atingia ao cabo de algumas tentativas.

Em quase todas as bancadas da classe de iniciação se soletravam as palavras; somente os *Abeceários* principalmente alinhados na quinta bancada se limitavam nas primeiras aulas a pronunciar as letras do Alfabeto. Daí lhes veio o nome de *Alfabetários* por que também eram designados. Ainda a propósito destes, o Principal Gouveia determinava no Regulamento que pronunciassem duas ou três vezes os sons do *Alfabeto*, que fossem guiados na lição pelos mais adiantados e que se repetissem os exercícios em especial para os mais novos — exercícios cuja escolha e graduação se confiava à inteligência do Mestre!

Pronunciar bem. — Soletrar bem. — Ler bem.

Eis afinal alguns dos objectivos visados na classe de iniciação segundo as regras didácticas de Gouveia.

c) GRAMÁTICA E EXERCÍCIOS ESCRITOS.

Quando os alunos já soletravam sem embaraços e se preparavam para ler, vinha o estudo da Gramática, o qual os da primeira classe de iniciação (a X) abrangia apenas as flexões dos nomes e dos verbos e para os da classe seguinte (*aulani*) todas as generalidades.

Pelo que respeita a esta matéria, evitava-se aos alunos o duro

¹⁷⁶ — «*Qui versus si forte breviores fuerint, quam qui vocabula continent toti sic turbæ sufficientia, illi repetuntur, ut nemo non dicat et discat*». (Ibidem)

¹⁷⁷ — «*quia sunt rudiores et timet praeceptor, nequid errent ab iis quae praeferatur, accersit, quos novit in primo ordine doctissimos, qui praeferentia festuca, litteras, syllabas, dictiones, illis monstrent quas praeceptor praeferatur*» (Ibidem)

trabalho de aprenderem de cor e exortava-se que, pela frequente repetição dos paradigmas, se conseguisse a fixação na memória.

Que o professor recite muitas vezes as flexões e que por sua vez os alunos pratiquem a mesma recitação não só em lições orais e em sabatinas mas também quando reproduzem por escrito os esquemas das declinações e das conjugações. Eis aí uma das regras de ensino que Gouveia inseriu no Regulamento e de cuja aplicação resulta uma economia de esforço para o aluno¹⁷⁸.

Assim se revelava na *Schola Aquitânica* o novo espírito pedagógico que a inspirava.

Aprender Latim é na verdade aprender a ler, a entender e escrever. Daí a necessidade de prática escrita, a qual vinha após a fixação da pronúncia e a leitura das palavras. Começava-se naturalmente por exercícios muito simples adequados ao nível alcançado no primeiro ensino oral. Aos mais atrasados pediam-se cópias de letras e aos mais desenvolvidos cópias de palavras e de frases; numa fase mais adiantada propunham-se textos latinos e as suas traduções como exercícios de cópia e por fim paradigmas de flexão nominal e verbal.

Os trabalhos escolares deste género, sempre feitos na aula sob o olhar do Regente, uma vez concluídos, eram recolhidos para correcção. Não se permitia que entre o trabalho do aluno e a sua apreciação se abrisse período mais ou menos longo de espera. Exercício feito era exercício logo corrigido.

Os esquemas das Flexões aprendiam-se por dois processos diferentes: — os *Abecedários* repetiam e ouviam muitas vezes as formas ao passo que os *Aulani* copiavam as mesmas formas e recitavam-nas à medida que as copiavam.

d) LIVROS DIDÁCTICOS. — TEXTOS.

Porque sempre se considerou o livro didáctico elemento indispensável no ensino, o Principal Gouveia, ouvidos certamente os Regentes das várias classes, escolhia os livros de textos e as gramáticas mais apreciáveis e indicava-as na *Ratio docendi*, especificando por classes.

Os escolares principiantes serviam-se do *Alfabeto*, livrinho de textos cuidadosamente impresso, que continha as letras do Alfabeto, a Oração dominical, os sete salmos penitenciais, o Cântico de Maria, a Saudação Angélica, o Simbolo da Fé, etc.

Utilizavam também uma Cartilha Infantil onde se liam as primeiras flexões dos nomes e dos verbos e interessantes noções elementares de gramática latina.

Aos que frequentavam a nona classe (*aulani*) recomendavam-se certas obras de Catão¹⁷⁹ e uma gramática elementar pela qual

¹⁷⁸ — «Ideoque pueri hujus classis nihil ediscere coguntur; sed sponte haerent memoriae quae saepius repetuntur». (Ibidem)

¹⁷⁹ — A obra de Dionísio Catão (gramático latino do Séc. IV) inscrita entre os livros escolares era *Disticha de moribus*, cuja primeira edição foi

aprendessem a bem declinar e a bem conjugar. Não menciona o Regulamento o autor da Gramática pelo que respeita à classe a que aludimos.

Vejamos porém como se aproveitava o texto no curso de iniciação. É fora de dúvida que o texto se toma como base não só dos exercícios orais mas também dos escritos. Com o texto se aprende a pronunciar, a soletrar e a ler e se progride da letra à sílaba, desta à palavra e da palavra à frase. Servindo-se do texto, praticam-se as flexões, de princípio as mais fáceis e mais tarde todas as regulares. Ainda o texto se aproveita para os exercícios de cópia que seguem a mesma linha de progresso que as lições orais.

Da leitura das normas pedagógicas expostas no Regulamento Gouveiano conclui-se que na iniciação do Latim se dá toda a preferência ao ensino oral. A aula em que se reuniam escolares dos sete ou oito anos de idade, para que decorresse animada e atramente, seria de preferência oral — muito oral e pouco escrita. Semelhante preferência nem mesmo se esquecia quando se copiavam sílabas ou flexões.

Como o texto representava de facto o apoio de todo o ensino, muito convinha que o livro adoptado fosse impresso e acomodado a alunos principiantes que sempre se mostram sensíveis ao aspecto exterior das obras impressas¹⁸⁰. Daí resultou que pouco depois do Principalato de Gouveia se prepararam em Bordéus, em tipografias ali estabelecidas, as primeiras edições escolares das quais infelizmente se não encontram exemplares.

Como os livros em meados do Século XVI eram caros, e convinha poupá-los, geralmente os alunos guardavam-nos com todo o cuidado e nas aulas serviam-se de cópias dos textos marcados pelos Regentes — cópias que eles próprios faziam em jeito de exercício. Nota-se que os livros de textos latinos destinados aos *aulani* (classe IX) eram acompanhados da tradução francesa, o que permitia instruir os alunos ao mesmo tempo nas duas Línguas e fazer-lhes sentir as estreitas relações que entre uma e outra se manifestavam.

Alguns livros didácticos adoptados no Colégio de Guiana, aos quais se alude no Regulamento, escreveram-nos os sábios Mestres¹⁸¹ que ali regentaram sob a direcção de André de Gouveia.

segundo Dibdin anterior a 1455 e que teve frequentes reimpressões. A edição que no tempo de Gouveia andaria nas mãos dos alunos era provavelmente aquela que Robert Estienne imprimiu em Paris em 1533, anotada por Mathurin Cordier. A melhor edição, porém, que inseria *Dicta sapientium septem Graeciae* e na qual pensaria Vinet ao rever o texto da *Scola Aquitanica*, era a de Robert Estienne de 1561. Cordier não se limitou a anotar o texto latino, porque ainda o acompanhou da tradução francesa preparando assim o livro em rigorosa conformidade com as suas ideias pedagógicas.

À tradução dos *Disticos* chamavam os escolares o *Cathonet* ou simplesmente *Catho*.

¹⁸⁰ — Antes de S. Millanges estabelecer em Bordéus a sua oficina de imprimir, seriam as edições da Tipografia dos Estienne (Paris) que, aconselhadas pelos Regentes bordeleses, andariam nas mãos dos alunos.

¹⁸¹ — A este propósito devem-se mencionar o latinista Cordier, o helelista Vinet e o filósofo Nicolau de Grouchy.



ROBERTO IVENS

Busto por LEOPOLDO DE ALMEIDA



CAMÕES E A VISÃO DA EPOPEIA

por ACÁCIO LINO

e) DIDACTAS DO LATIM.

Ao referirmo-nos no decurso deste estudo à elaboração do Regulamento Gouveiano notamos que, no que respeita à Didáctica do Latim, foram seguidas as sugestões de alguns sábios Mestres entre os quais sobressaía Mathurin Cordier pois que para os Regentes do Colégio este era na verdade o mais profundamente versado não só na Língua e Literatura Latina, mas também na sua Metódica.

Do que se lê no *Prólogo* da autoria de Vinet, se infere que Cordier orientou a Didáctica na mais importante disciplina do plano de estudos Aquitânicos¹⁸² — disciplina cuja regência lhe havia sido confiada pelo Principal. A bela experiência que o insigne Mestre fizera no Colégio de La Marche primeiro, e em seguida no Colégio de Navarra, o seu estreito convívio com o humanista e pedagogo Robert Estienne¹⁸³, a sua reconhecida vocação docente revelada em Paris e em Nevers, justificam os títulos de metodólogo do Latim na Escola Aquitânica quando esta superava as mais famosas escolas da Europa.

É que Cordier aparecia entre os humanistas do seu tempo como um dos mais cultos e considerou-se indispensável o seu concurso na revisão de textos latinos e na elaboração de livros escolares.

Na larga obra editorial de autores latinos em que no segundo quartel do Século XVI se lançou corajosamente Robert Estienne, impressor do Rei de França e sucessor de Conrad Neobar¹⁸⁴, muito trabalhou o notável Regente de Bordéus.

Acrescia ainda que, entre os mais dotados de senso pedagógico para dirigir cursos de iniciação e instruir crianças com cativante doçura, figurava Cordier, o educador afável e estimado, que todos os companheiros de trabalho apontavam como modelo.

Na sua bibliografia, não muito numerosa, mas de grande qualidade, incluem-se livrinhos escolares, guias práticos de conversação, autores anotados e comentados, opúsculos gramaticais, traduções e sentenças.

Nota-se que o Autor escreveu com o pensamento sempre posto nos seus estudantes. Para eles, e só para eles, trabalhou a vida inteira desde La Marche (1523) até o Colégio de La Rive na Suíça e os de Lausanne e Neufchâtel. Em um dos opúsculos gra-

¹⁸² — Confronte-se nota 75 do Número 136 vol. XXXVII desta Revista.

¹⁸³ — Robert Estienne, impressor do Rei Francisco I, sábio humanista e conceituado Didacta do Latim, a quem a divulgação e explicação dos grandes Autores latinos grandemente interessou. São notáveis os seus trabalhos de Metodologia daquela Língua dos quais se serviu e pelos quais se orientou no seu ensino M. Cordier.

Sobre R. Estienne consulte-se de Renouard — *Annales de l'Imprimerie des Estienne* Paris, 1843 — e de Maittaire — *Stephanorum História*, Londres, 1709.

¹⁸⁴ — Conrad Neobar morreu em 1540 e desde essa data substituiu-o R. Estienne como impressor de Grego por nomeação régia.

maticais, Cordier trata da maneira de exercitar as crianças na flexão nominal e verbal.

Do confronto das regras didácticas formuladas no opúsculo e das que se lêem na *Ratio docendi* de Gouveia resulta a convicção que o mesmo metodólogo as recomendou depois de as haver experimentado.

Por uma nota que se lê na obra já citada de Massabieau, Cordier decidiu-se a publicar as suas regras de ensino da declinação a pedido de Jacques Blanc¹⁸⁵, sub-principal dos Gramáticos no Colégio de Navarra. É de crer que por seu turno Robert Estienne, tão afeiçoado a este ramo de estudos, o incitasse a divulgar quanto Cordier aprendera ensinando. Foi Cordier quem melhor se afirmou no Colégio de Guiana na orientação dos estudos, quem ajudou a redigir as regras pedagógicas em relação ao Latim e imprimiu às classes de iniciação uma actividade nova por processos ainda não experimentados¹⁸⁶.

Gouveia encontrou em Cordier um dos seus mais talentosos colaboradores e a passagem deste no Ginásio Aquitânico ficou bem assinalada.

¹⁸⁵ — Ob. cit. de Massabieau p. 63 nota 29. «Je signalerai un ouvrage de Cordier sur les Flexions, *Exempla de lutino declinatu partium orationis*», 1540 (1^{ere} ed.) écrit à la demande de Jacques Blanc, sous-principal des grammairiens du Collège de Navarre».

¹⁸⁶ — BIBLIOGRAFIA DE CORDIER:

a) — *De corrupti sermonis emendatione libellus* (1530).

b) — *Commentarius puerorum de quotidiano sermone qui prius liber de corrupti sermonis emendatione dicebatur, Mathurino Corderio auctore. Carmen paraeneticum ut ad Christum pueri statim accedant; indices duo, gallicus et latinus*.

c) — *Colloquiorum scholasticorum libri quatuor*, 1.^a ed. Genebra 1566. Vid. sobre esta obra M. Barbier (*Examen critique*, p. 216).

d) — *Sententiae proverbiales gallico — latinae*. 1549.

OPÚSCULOS:

a) — *De syllabarum quantitate*.

b) — *Principia latine loquendi scribendique sive selecta quaedam ex Epistolis Ciceronis*.

c) — *Conciones sacrae viginti sex Galliae*.

OBRAS RELIGIOSAS:

a) — *Sentences extraites de la Sainte Esriture* (1551).

b) — *Epistres chrestiennes* (1557).

c) — *Cantiques spirituels* (1557).

Barbier atribui-lhe o livro *Civilité puerile*.

Sobre Cordier consulte-se: — de E. A. Berthaut, *De M. Corderio et creatis apud Protestantas Litterarum studiis* (1875); de Jules Bonnet, artigo publ. em *Bulletin de la Société de l'Histoire du protestantisme français*, t. XVII, pág. 436.

A REVISTA MENSAL 'OCIDENTE' FUNDADA EM 1938 POR ALVARO PINTO JÁ COMPLETOU 38 VOLUMES COM MAIS DE 15.000 PÁGINAS DE LEITURA SÉRIA E 900 ILUSTRAÇÕES. / EXISTE UMA PEQUENA QUANTIDADE DE COLECÇÕES COMPLETAS: 38 VOLUMES ENCADERNADOS COM CAPAS DE PANO AZUL POR 3.250\$00

ROMANÇA DO ARCANJO

Por NATÉRCIA FREIRE

O ARCANJO fez a cruz.
Nunca o Arcanjo fizera,
com dedos de primavera,
um tal espasmo de luz.

Sobre uma lua redonda
o Arcanjo se sentou.
E quando o gesto traçou
a lua mudou-se em onda.

Na amurada dos navios,
nas velhas grutas do mar,
nas cavernas do luar,
na água mansa dos rios,

nos declives nevoentos,
nos brancos desfiladeiros,
oh, que infernos traiçoeiros,
semeou na voz dos ventos!

Se eu fechar todas as portas
fica, lá fora, a brilhar
Fica, na noite, a cantar
entre as minhas horas mortas...

Entre o soluço afogado,
no pranto dissimulado,
no gesto mal esboçado
que se torna areia lisa...
Na sombra que me suscita,
que me sugere bonita,
sugere e não realiza.

— Porque és a morta e a viva
a que fulge e a cativa —
— o Arcanjo decidiu: —
Destas almas jorra luz...
Destas almas faço cruz.
Tu, serás a vertical
e ela a sombra horizontal.
Nasceram do mesmo ventre.
Usaram o mesmo nome.
O que nos braços te tome
entre os seus braços a sente...

Serás sempre a incompleta,
a confusa, a imprevisista.
Terás metade de Artista,
em metade de Poeta.

Quando chorares fogo e fel
hás-de ver lagos imensos
afastados e suspensos
em cenários de papel...

Quando cantares pelo Mundo
já está o mundo virado.
No cerro mais elevado
hei-de pôr o mar sem fundo...

Nos oceanos, florestas.
E se tu gritares: — Pureza!
Há-de surgir-te a beleza
entre pecados e festas.

Vem, para os bailes da vida!
Vem, conheço as tuas sêdes!
Afasta as quatro paredes,
Vem, criança adormecida.
Pois sendo a morta és aquela
que dorme sob o lajedo,
sabe a viagem do Medo,
já foi lírio e já foi estrela.

És a viva que se ignora
que se nega e se renega
que é surda, muda e é cega,
que é Nunca e nunca é Agora.

Há-de uma Saudade eterna
perseguir o teu olhar.
Onde julgares o luar,
um espelho está de cisterna.

Quer tu queiras, quer não queiras,
Quer te queiras transparente
Hás-de arder, serenamente,
nas minhas grandes fogueiras.

Vida e campo de agonia
dou-te um presente real:
— Cinza na noite e no dia.

E só poderás fugir
da minha cruz desleal,
quando Deus fizer de ti
outra linha horizontal.



SOB A INVOCAÇÃO DE CLIO

Crónica de RODRIGUES CAVALHEIRO

MONIZ BARRETO Já mostrámos ('*Ocidente*', n.º 144) o que
E O EXÉRCITO Moniz Barreto pensava da solução a dar ao
problema político português, na altura em
que D. Carlos, por entre os redemoinhos causados pelo conflito com
a Inglaterra e pela revolta republicana do Porto, se preparava para
iniciar verdadeiramente o seu reinado. O poder pessoal do Monarca
era nitidamente recomendado como única medida eficiente de Sal-
vação Pública, deixando o Poder Moderador de ser simples e passiva
chancela dos vários partidos que se digladiavam, com prejuízo da
Nação, para a conquista do poder.

Mas em que forças se devia apoiar o Rei para, assim, se liber-
tar da tutela dos políticos e afirmar vitoriosamente a sua vontade
de regenerar o País? É aí que Moniz Barreto se afirma verdadeira-
mente profético (à distância de mais de trinta anos do 28 de Maio),
ao mesmo tempo que se evidencia o seu desassombrado e independe-
nte espírito crítico, sobranceiro às modas intelectuais da época
infeliz em que escrevia. E, interrogando o futuro, não hesitava em
responder ao arrepio dos preconceitos mentais que enformavam os
homens mais representativos do seu tempo. Ouçamo-lo, pois, de
novo, na famosa '*Carta a El-Rei de Portugal sobre a situação do
País e seus remédios*', escrita no Algarve em Março de 1893 e pu-
blicada em Lisboa no mesmo ano.

«Como impedir este desastroso estado de cousas? Como rom-
per o círculo vicioso que torna a corrupção uma necessidade de
Governo e o Governo uma obra de corrupção? Como levantar esta
desgraçada Nação do abatimento em que a lançaram erros acumu-
lados, velhas culpas, a ignorância, a passividade e porventura o
fatalismo constitucional do seu génio?» E Moniz Barreto acres-
centa: — «Responderei sem mais pensar a Vossa Majestade:
Apoiando-se confiadamente e com franqueza em duas instituições:
o Exército e a Escola». Ainda hoje, tantos anos volvidos sobre as
palavras do grande crítico, o problema subsiste nas suas linhas
fundamentais. O apoio da Força Armada e a revolução mental edu-
cativa e cívica a operar através do Ensino continuam a ser as duas
mais fortes alavancas dum grande esforço nacional: — o primeiro,
permitindo as realizações do presente; a segunda projectando-se,

através das novas gerações, no futuro e consolidando, por essa forma, tudo o que se fizer com a solidariedade do Exército.

Mas prossigamos na transcrição do texto de Moniz Barreto, que tem o dobrado valor de enaltecer as virtudes militares numa época — insistimos — em que era de uso ser-se, nos meios bem pensantes, declaradamente anti-militarista. «Senhor — continuava o crítico — toda a questão é de pessoas, mas as classes também são pessoas. Ora se não há ofícios baixos é certo que existem profissões que são nobres. Pode ser um sujeito respeitável e mesmo de sentimentos elevados e que se encosta a um balcão medindo pano. E, pensando bem, um cambista pode ser homem honesto. Mas um escritor, um juiz, um médico basta que o sejam com plenitude para se tornarem sublimes. São estas as profissões heróicas, cuja condição é a grandeza de alma, e que não admitem meio termo entre a infâmia e a glória. Entre estas se conta a de soldado».

Está ainda na memória de quem se interessa por estas coisas tudo quanto, no *estúpido Século XIX*, se disse acerca da vida militar. Os nossos melhores valores, desde Antero a Ramalho, desde Teófilo a Fialho, não se privaram de exhibir um anti-militarismo que estava, afinal, na lógica do pensamento democrático de que todos — com maior ou menor intensidade e duração — foram vítimas. É por isso que, em plena balbúrdia de ideias demagógicas, causa espanto a atitude de Moniz Barreto, apontando ao Rei o apoio do Exército como ponto de partida indispensável a uma séria obra de regeneração nacional.

Dirigindo-se a D. Carlos, escrevia Moniz Barreto uma admirável apologia da vida militar, que começava pelas palavras seguintes: — «Senhor, umas casas existem no vosso reino onde homens vivem em comum, comendo do mesmo alimento, dormindo em leitos iguais. De manhã, a um toque de corneta se levantam para obedecer. De noite, a outro toque de corneta se deitam, obedecendo. Da Vontade fizeram renúncia como da Vida. Seu nome é Sacrifício. Por ofício desprezam a Morte e o Sofrimento físico. Seus pecados mesmo são generosos, fàcilmente esplêndidos. A beleza de suas acções é tão grande que os poetas não se cansam de a celebrar. Quando eles passam na rua juntos, fazendo barulho, os corações mais cansados sentem estremecer alguma coisa dentro de si. A gente conhece-os por militares: eu cá lhes chamo padres».

E o Escritor prossegue, no mesmo tom de elogio entusiástico: — «Padres de religião augusta, a única possível nos dias de hoje: a do civismo. Por essa divina humildade que os faz semelhantes a coisas eles se levantam acima dos outros homens. Corações mesquinhos lançam-lhes em rosto o pão que comem: como se os cobres do pré pudessem pagar a Liberdade e a Vida. Publicistas de vista curta acham-nos caros de mais, como se alguma coisa houvesse mais cara que a servidão. Eles, porém, calados, continuam guardando a Nação do estrangeiro, e de si mesma. Pelo preço da sua sujeição eles compram Liberdade para todos, e a defendem da invasão estranha e do jugo das paixões. Se a força das coisas os impede agora

de fazer em rigor tudo isto, algum dia o fizeram, algum dia o farão. E desde hoje, é como se o fizessem. Porque por definição o homem de guerra é nobre. E quando ele se põe em marcha à sua esquerda vai a coragem e à sua direita a disciplina».

É, ou não é, uma bela página, em que as virtudes do Soldado são cantadas num estilo de convicção, a que se não devia estar habituado em 1893? Moniz Barreto, continuando, incita o Rei a firmar no Exército a sua obra de Salvação Pública. Ouçamo-lo: — «E por isso vos direi: vire Vossa Majestade a sua cara para o soldado. É ainda o mais seguro e o mais barato. Quem sabe entender os políticos? Quem pode fartar os banqueiros? Mas o soldado, a esse qualquer lhe fala. E com pouco se contenta. Um bocado de pão, umas fitas, quatro palavras ditas com alma e através das quais sinta que é amado. Naturalmente, são leis. Não é preciso intrigar para os conduzir. A dissimilação, a mentira, a calúnia, que são a lei da concorrência activa e o suplício das almas nobres lançadas ao tremedal da vida, nos quartéis tornam-se inúteis, e até danosas. O homem da guerra tem a veracidade do forte. E do forte tem também a fidelidade. Os soldados são constantes. Eles foram os únicos que não traíram Napoleão. Quem se apoiar nesse bordão, confiadamente pode fazê-lo. Nem receie que se quebre ou se converta em serpente».

Assim Moniz Barreto falava ao Rei D. Carlos das grandes virtudes militares e o incitava a chamar o Exército como fator máximo duma grande obra nacional. Ergueu-se cedo demais a voz de Moniz Barreto — ou ouviu-a tarde demais o infeliz Soberano, quando, em 1907, procurou imprimir à política portuguesa um novo rumo, libertando-a da tutela afrontosa das quadrilhas políticas? Sabe-se como, então, foi primordial a acção de Vasconcelos Porto, na pasta da Guerra, procurando, com o apoio da Força Armada, prestigiar o Soldado português, que se cobria de glória nos campos de batalha africanos.

Era claro o pensamento de Moniz Barreto: — «Firmado no Exército, é possível ao Poder romper o círculo vicioso da corrupção administrativa, extirpar a fístula eleitoral, sacudir o jugo afrontoso dos banqueiros, congregar e aproveitar os elementos sãos do mundo político, paralisar o corrupto e pela força interessá-lo em deixar de sê-lo, e enfim gerar o amor pelo temor».

O caso de Moniz Barreto é um belo exemplo de como a inteligência analítica pode atingir até as fronteiras do profetismo. Claro que, à sua volta, o crítico só encontrou incompreensões. Ele o confessou, numa carta que, por essa altura, escreveu a Oliveira Martins: — «Inspirei-me numa filosofia a um tempo idealista e realista, democrática pela intenção final e pelos princípios, oportunista na escolha dos instrumentos. Não me surpreenderá porém que o facto de não me manifestar republicano me prejudique um pouco, e que a turbamulta do jornalismo me considere um reaccionário».

Mestre de patriotismo é que nós, hoje, devemos considerar Moniz Barreto, muito embora a turbamulta do jornalismo e da política o possa considerar, por isso, reaccionário...



NOTAS DE ARTE

Por **DIOGO DE MACEDO**

O ROMANTISMO DE ALFREDO KEIL Passa agora, no dia 3 de Julho, o Centenário do nascimento de Alfredo Keil. Como Pintor e como Compositor musical se notabilizou, sendo como tal nesta data memorado; também foi Poeta, coleccionador de Arte e museógrafo. O lindo livro ilustrado, '*Tojos e Rosmaninhos*', o opúsculo sobre '*Colecções e Museus de Arte*' e o recheio da sua casa, por si seleccionado e catalogado com muitas centenas de peças raras, documentam estas últimas virtudes e actividades do Artista.

Como Pintor e como Músico, foi Mestre com vasta cultura, sabedor de segredos relativos aos diferentes ofícios, que com virtuosidades e graças o tornaram respeitado e querido. Ofícios digo, porque na Arte, sem eles, o Génio é incompleto. O Artista perfeito precisa de muita experiência e apuro nesses problemas profissionais de particular erudição plástica, que se baseiam em ciências e se introduzem em casos de imprevisto alcance, dando-lhe privilégio de excepção. A vocação não basta; é necessário o conhecimento de saber exprimir com clareza o que ela requiere. O Artista, por conseguinte, tem de ser um profissional e pode mesmo ser um sábio; mas toda a sua cultura está subordinada a uma razão plástica e dominada pela sensação artística, que se sobrepõe à sabedoria, sem prejuízo desta.

Alfredo Keil, disciplinarmente educado, com preocupações técnicas estudadas nas obras mestras dos Museus, investigador por índole e sensato assimilador, foi um perfeito Artista, insatisfeito e convicto. Se uma ou outra vez esfriou na sensibilidade expressional em benefício de experiências alheias ao seu temperamento romântico, isto é, em que a sua espontaneidade artística foi prejudicada pela distracção dos conhecimentos, certo é que atingiu muitas vezes alturas de prima classe, que hoje se reconhecem e muito se admiram. Certa variedade técnica nas diferentes fases da sua numerosíssima obra, confirma a volubilidade desses anseios, apesar da convicção que o caracterizava.

O seu romantismo extemporâneo, quase isolado no ambiente, não poderia ter as fogosidades audaciosas dos Naturalistas contemporâneos, concordes com as evoluções da Arte e com as exigências dos ideais humanos. Keil era um disciplinado nos sentimentos emo-

tivos. Sincero e fiel à educação recebida em meios de intransigente e demorado romantismo, fiel ao sangue que herdara e fiel ao próprio temperamento refractário a ideais que não sentia, preferiu criar uma obra de garantido e alto virtuosismo, a cometer abusos de expansão realista que a Escola Francesa adoptava e irradiava no entusiasmo das modernas gerações doutros países. Delicado na visão e interpretação, precioso no manejo e na doçura do pincel, de lirismo objectivo nas concepções, era um Poeta na receptibilidade e no sentimento de expressão, sendo entre nós o mais jovem dos néo-românticos.

Nesta particularidade de *Independente* em atmosferas revolucionárias, foi um sacrificado e um vitorioso. Por isso, o seu *Naturalismo Romântico* justifica uma pequenina exhibição em sala à parte, agora inaugurada no Museu de Arte Contemporânea, com uma dezena de quadros; e motivou com justiça a grande exposição que em sua homenagem e memória se organizou na Sociedade de Belas Artes.

Como dissemos, pelo sangue de origem germânica e pela educação geral adquirida na Baviera, o seu romantismo artístico differiu da expressão plástica do romantismo português, embora no sentimento fosse igualmente lírico, sossegado, amoroso e deleitoso nas pormenorizações dos temas inspiradores. Basta confrontar o panorama da pintura desse período para se distinguir a diferença. Mas ainda pelo amor que tinha à sua terra natal e pela acuidade de ternura com que observava a nossa paisagem, a Arte de Keil participou da nossa emocional expressão, influenciando mesmo no naturalismo doutros pintores, como por exemplo, em Rodrigues Vieira, componente do «Grupo do Leão». Nos princípios estéticos e nas aquisições técnicas é que ele denunciava alheias origens.

Poeta idealista, no sentimento comum e nacional, foi tão português como Miguel Lupi e Alfredo de Andrade, o primeiro de origem italiana e o segundo educado na Itália, aliás como a maioria dos Pintores do Século XIX, que para conquista de culturas e civilizações na Arte, vagamundearam pelos melhores centros europeus.

Quando Keil se retratou pintando, com o subsídio dum documento agora revelado, na floresta de Fontainebleau, atmosfera preferida dos românticos franceses, colocou-se sozinho no meio daquela abóbada vegetal, orgulhoso e satisfeito no isolamento da sua independência. Deixara nessa magnífica tela a confissão do seu amor à Poesia em sossego e à liberdade de Artista, para poder auscultar, sentir, escutar, visionar e traduzir os segredos da Natureza, na monumentalidade evocativa. Pura confissão dum Romântico, que sabia ter sido aquele lugar o berço do Romantismo dos maiores Mestres que admirava.

Keil não foi um revolucionário; bem ao contrário, foi um espírito de ordem com exaltações sentimentais. Nem mesmo ao escrever «A Portuguesa» pretendeu lançar um grito revolucionário, mas tão-somente, na sua mágoa de patriota, proclamar uma desafronta em acordes de heroicidade. Não fora inspirado contra quaisquer ideais políticos, mas sim contra o estrangeiro que ofendera a sua

Pátria. Hino de amor e de orgulho ferido, poderia ter sido composto nas estrofes de 'Os Lusíadas'. Insurgira-se-lhe o sangue alemão de acordo com o coração português, contra a agressão inglesa, tal como persistentemente a sua pintura romântica fora um protesto sentimental contra o Realismo francês, que rarissimamente o convenceu.

FALSIFICADO-RES IMPUNES A imoralidade não é coisa moderna. A falsificação também é muito antiga. Este feio acto é que se está tornando hábito rendoso dentro do campo da Arte. Os tribunais condenam os falsificadores, mas como a sua maior parte é de anónimos habilidosos que assinam com nomes alheios o fruto da sua imoralidade, só raramente são apanhados. Em Portugal existem e ninguém os descobre. Já vimos Malhoas falsos, Columbanos falsos, Pousões falsos, Gameiros falsos, Keils falsos... Os jornais têm dado alarme, os Artistas insurgem-se, toda a gente protesta, mas a polícia ignora o laboratório dos mariolas. Que fazer? Ter paciência, como as pobres de pedir, e denunciar quantas falsificações surjam à luz do Sol.

Ainda há pouco, este ano mesmo, houve em Anvers uma exposição de venda ou coisa parecida com leilão, em cujo catálogo se via o nome de «Columbano — Escola Portuguesa», com um quadro intitulado *Eva diante dos pomos*, em linguagem também falsa. Alguém, desejando esclarecer-se sobre esse quadro que ignorava existir e de que ninguém lhe dava notícias, escreveu a pedir informações. Recebeu fotografias do quadro e da assinatura. Tudo era falsíssimo. O quadro representava uma mulher de chaile traçado à moda fadista, de colo nu e pernas bem visíveis, com saia curta e sentada em banco alto. Ao fundo, junto duma vidraça, em prateleira corrida, havia uns objectos, entre os quais um prato com duas ou três maçãs. A moça, de perfil, olhava para elas. A técnica da obra era lambida e a luz da cena esparralhava-se. Tudo o que há de mais oposto a Columbano, desde o desenho à galderice do tema. O catálogo ficou, o quadro não foi apreendido e o nome do Artista foi ofendido. Que fazer? Protestar contra quem? O vendedor estava inocente e também fora lesado.

Aqui fica o aviso, que pouco servirá, porque os gatunos são muitos e as leis de propriedade artística são impotentes em semelhantes casos.

UMA EXPOSIÇÃO DE ARTE FRANCESA Nas Confrarias e nos meios de Arte, Jean Alazard é um Mestre que se escuta e respeita, cuja voz em peregrinação propagandista se tem erguido nas Academias das principais capitais da Arte e da Europa. Sensato semeador, tem espalhado muitas lições por livros e revistas, nas Cátedras e nos Museus. De Paris passou há anos a Marrocos onde oficialmente se fixou. A sua missão, porém, não é de cómodo descanso, mas sim de permanente agitação. Pelo amor à Arte deu-se agora à tarefa de divulgação, complemento de ordem prática e instrutivo das lições que tem pregado.

Museógrafo, historiador, crítico de Arte e Director do Museu de Belas Artes de Alger, visitou Portugal pela segunda vez, atraído pela luz de Coimbra e de Tomar, pelo panorama do Porto e pelos encantos de Lisboa, pelos Amigos e pela Arte Portuguesa. Aproveitando os passos, fez três conferências e trouxe-nos ao Museu de Arte Antiga uma exposição de Arte Moderna, na qual estava representado o panorama marroquino no espírito orientalista dos Pintores franceses, desde Delacroix a Dufy.

Para quem, como nós, educado em França e particularmente na Arte que nos trouxe e cuja evocação global tanto nos comoveu, como se retrocedessemos aos anseios da mocidade, o obséquio aumentou de sentido e, portanto, o agradecimento roçou pela ternura. Apesar da ausência dos Impressionistas e dos Cubistas, verificámos que os grandes Pintores são os mesmos que naqueles tempos foram nossos Mestres e mais os outros que, então na liça dos ideais, que eram os nossos, por lá andavam pelos *Salons* vanguardistas, o dos Independentes, o de Outono e o das Tulherias, pelas galerias das ruas de Seine e de la Boétie, pelas tertúlias de Montmartre e pelos cafés de Montparnasse, quase todos bem cotados no *milieu* e a forçarem as portas dos Museus, onde por fim conquistaram a *cimaise* a que tinham direito. Esta verificação e esta recordação encheram-nos de júbilo, remoçando-nos no orgulho de nos reencontrarmos entre gente das nossas relações.

Se de Seurat ou Braque, de Vlaminck ou Utrillo e de Rouault ou Warroquier não topamos lembrança, como tão-pouco de Cezanne, de Bonnard, de Vuillard e de outros, que não foram a Marrocos, o certo é que, mau grado não ter havido revelações para a nossa ansiedade, nos foram avivadas perturbações em face de tantas obras. Aos moços portugueses de gerações posteriores à nossa, esta exposição trouxe novidades, encorajamentos e excelentes exemplos, que são as melhores lições a receber pelos Artistas ainda com o sangue na guelra, inteligentes e contrários a rotinas, com o desejo prestes a expansões dos seus temperamentos. A lição de confiança, de decisão, de apuro de sensibilidade, sem fraquezas doentias de adaptação a vogas inconsistentes nem a estéticas de carácter político, contraditórias da razão incondicional da Arte, sem a qual toda a especulação intelectual é fruste deturpação a servir alheios fins, foi na verdade escolhida lição, muito de desejar que resulte proveitosa na nossa atmosfera de confusas culturas.

Desde as fogsidades voluptuosas e românticas de Delacroix, de Gericault, de Barye, de Fromentin, de Chasseriau e mesmo de Constantin Guys e Monticelli, à calma espiritual de Puvis de Chavannes, de Maurice Denis ou de Marquet, que teve representação especial, um fio da tradição da Pintura francesa ali se apresentara. Na educação dos Artistas de hoje, de complexo desenvolvimento nos sentidos e recepções emotivas da Arte oposta ao Academismo, defende-se, apesar de tantas pugnas revolucionárias e teorias de inconformismo, um ideal de reabilitação de princípios, que conduz os espíritos melhor constituídos ao classicismo formal. A Pintura francesa nas suas constantes ansiedades em que se intrometem

tantos fanatismos de escolas e teorias internacionais, que Paris atrai, é sem dúvida aquela que tem sabido melhor defender-se, desde Poussin a David, de Ingres a Degas e a Derain. Por isso, quantos espectaculosos delírios da Pintura moderna se firmam na razão do equilíbrio. Nesta exposição seleccionada com tal propósito, esse *delírio equilibrado*, sensacional, aparece nas obras de Matisse, de Lhote, de Friesz, de Dufresne e de la Patelliere, ou seja na escala de corajosas aventuras guiadas pela ordenança de excitados períodos denunciadores de guerras ou nelas contidos, mas evolutivas, que tornaram gloriosa a Pintura da primeira metade do século presente.

Oxalá que aqueles excelentes e expressivos desenhos, aqueles óleos e mesmo as esculturas, que poucas eram, tenham convencido como tentativa auxiliar de educação, em seu aspecto colectivo e nas pessoais demonstrações de novas verdades plásticas, os ânimos e os talentos dos mais jovens Artistas portugueses.

O ESCULTOR Na rápida evolução ou reforma de princípios e BARATA FEIO orientações em Arte, que caracteriza o século presente, de geração para geração se alteram e transformam os modos de ver e conceber os mesmos temas na ambição dos Artistas, que os antigos criaram e cada período e cada escola repetiram diferentemente, visto cada tempo ter a sua verdade ou o seu modo de a sentir e a interpretar, e a personalidade de cada Artista a exprimir em livre coordenação com a dos semelhantes. É assim que toda a Arte lealmente concebida «pour la beauté d'une réalité vivante», no dizer de Gautier, é moderna e original, tal e qual como foi a de ontem e a mais remota, reconhecendo-se-lhe o dever de total acordo com ideais e convicções do tempo que a inspira e conduz.

Dos Escultores da derradeira geração triunfante, Barata Feyo, no seu barroquismo grequiano, ou no seu romantismo de procurado estilo induzido por caprichosas liberdades de sumária forma planificada em volumes de volutas e arestas, é aquele que concateniza em ligação de projecções simpatizantes o exemplo soberbo do passado e a originalidade audaz e emocional do presente, em sínteses de construções amplas que não lhe permitem apuros definitivos, suspendendo-as no incompleto.

De educação idealista e sentimento delicado, evoluiu para o dramático monumental e definiu-se num formalismo ascensional que o torna diferente dos demais Escultores contemporâneos. Desde a estátua simbólica *A Raça*, às de *Antero*, *Garrett*, *Herculano*, *S. João de Brito*, *Demóstenes*, *Safo* e tantas outras, alcançou firmar-se nessa estética compósita, mas de sua espiritual recriação plástica, que traduz quantas vozes interiores de emoção e de pensamento, em fugas sensacionais e algo exóticas duma modernidade atraente.

Barata Feyo é o Escultor português deste ciclo de inconstâncias abstratas e paralelamente positivas, que representa em virilidades de jogos e proporções o desejo de respeito à tradição e de

independências expressionistas. Reclama a sua obra um ambiente de misticismos panteístas, uma catedral aberta num interior florestal, onde a luz coada pelos vitrais do arvoredado complete o sentido religioso das imagens que cria, estiliza e dramatiza. Como os imaginários barrocos, ele esconde os corpos em abundantes vestes de flama, mas não lhes oculta o espírito, por vezes um tanto declamatório em simbolismos.

Dessa vibração escultórica com reminiscências dum intelectualismo decorativo, sobreleva-se uma indubitável demonstração de Arte agitada e excitante pela sobriedade de volumes em conflitos com a lógica, que lhe dão o aspecto de tumultuosa, sendo na sua essência serena como reflexo do temperamento educado do autor.

A obra de Barata Feyo é um complexo de lealdade, de formalismo sentimental e, até certo ponto, de alucinação incongruente. Dela surge a elevação plástica dum personalismo que faz estimá-la como a confissão honrada de virtudes e obcecações num carácter íntegro e num temperamento fogoso.

ARTE PORTUGUESA NO ESTRANGEIRO Seria pena que não se registasse nestas crónicas a representação da Arte Moderna Portuguesa na *Exposição Bional de Veneza*, tanto mais que os periódicos mal informaram do facto. Pela primeira vez, Portugal concorreu a esse certame internacional, o XXV desde a sua fundação. Foram doze os Pintores e cinco os Escultores Portugueses que nesta nossa estreia ali se apresentaram. Em grande parte o Museu Nacional de Arte Contemporânea deu colaboração oficial à iniciativa do Secretariado Nacional da Informação, que tomou o encargo desta missão. É de esperar, desejar e que seja encorajada a expedição mais vasta, nas futuras Exposições, da representação doutros Artistas Portugueses, em pavilhão próprio, como a maior parte dos países da Europa ali os possuem. Ao brio nacional, dos Artistas e dos Poderes Públicos, compete a preparação com tempo e bom julgamento, nessa iniciativa. A Arte Portuguesa, moderna ou antiga, precisa de sair deste entremuros em que se esconde e desfalece por falta doutras luzes que a estimulem e alegrem.

OBRAS DE DIOGO DE MACEDO

EDITADAS PELA REVISTA 'OCIDENTE'

'ALGUMAS OBRAS DE ARTE PORTUGUESA' — Álbum n.º 1, com 32 estampas	30\$00
'SOARES DOS REIS' — com 25 ilustrações — 1 volume de 123 páginas	15\$00
'JOÃO JOSÉ DE AGUIAR' — com 18 ilustrações — 1 volume de 96 páginas	15\$00
'A ESCULTURA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII' — com 50 ilustrações — 1 volume de 136 páginas — 40\$00 e	60\$00



CONSULTÓRIO LINGUÍSTICO

Por AUGUSTO MORENO

1) Tratando-se da sintaxe, tenho ouvido falar em *relações gramaticais*, coisa a que não ligo sentido bem nítido. Que vêm a ser afinal essas relações?
A. B. M.

R. — Vêm a ser as *funções*, que as palavras exercem no domínio da sintaxe. Neste domínio, como é sabido, as palavras associam-se entre si para o encadeamento lógico e harmónico das ideias ou dos pensamentos. E cada uma, vinculando-se a outra ou a outras, para tal fim, está sempre em relação gramatical com ela ou com elas.

Podem reduzir-se a cinco essas *relações*, a saber:

- a) A *relação subjectiva* ou *de sujeito*.
- b) A *relação predicativa* ou *de predicado*.
- c) A *relação complementar* ou *de complemento*, que também se diz *de completivo*.
- d) A *relação atributiva* ou *de adjunto atributivo*, mais complexa, em geral, que a de *simples atributo*.
- e) A *relação adverbial* ou *de adjunto adverbial*, também mais complexa, geralmente, que a de *simples advérbio*.

As duas primeiras são *fundamentais*; as outras são *accessórias*.

Estas, que são menos simples que as *fundamentais*, podem em geral *dobrar-se*, dando origem a outras, que, sem deixarem de englobar-se na *complementar*, na *atributiva* ou na *adverbial*, são susceptíveis de *diferenciar-se*, constituindo *modalidades* de cada uma delas e assumindo então nomes adequados de especialização.

Exemplifiquemos, em mira a tornarmo-nos mais claros.

Suponhamos a seguinte frase: «*António almoçou hoje sardinhas frescas*».

Temos aqui as cinco relações na sua expressão mais simples.

António está em *relação subjectiva* com *almoçou*; *almoçou*, em *relação predicativa* com *António*; *sardinhas*, em *relação complementar* com *almoçou*; *frescas*, em *relação atributiva* com *sardinhas*; *hoje*, em *relação adverbial* (e *complementar*) com *almoçou*.

Na frase, há a menor complicação possível. Todas as *relações* são *simples* e se acham expressas na *maior simplicidade*.

A de *almoçou*, com *António*, é de forma *verbal*; a do mesmo verbo, com *sardinhas*, é *objectiva* e *directa*; a de *frescas*, com as mesmas *sardinhas*, é de *simples atributo* ou *accessório*; a de *hoje*, com *almoçou*, é de *simples circunstância temporal*.

Suponhamos agora estoutra frase: «*O António tem comido durante toda a semana sardinhas de escabeche com o primo Joaquim*».

Aqui já temos um bocadinho maior de complicação, mas mantêm-se, embora com menos simplicidade, entre as diversas palavras associadas as mesmas cinco *relações*.

A de *António* com *tem comido* é *subjectiva*; a de *tem comido* com *António*, *predicativa*; a de *sardinhas* com o verbo, *complementar*; a de *durante toda a semana* com *tem comido*, *adverbial*, sem deixar de ser também *complementar*; a de *de escabeche* com *sardinhas*, *atributiva*; a de *com o primo Joaquim* em relação ao verbo, *adverbial* e *complementar*.

As acrescidas do artigo *o* com *António* e com *primo*, bem como as de *toda* e *a* com *semana* e a de *Joaquim* com *primo* são em geral, ou em sentido amplo, *atributivas*, mas em sentido especial, ou em sentido restrito, as dos artigos com os seus *substantivos* são *determinativas*; a de *toda* com *semana*, *quantitativa*; e a de *Joaquim* com *primo*, *determinativa* e *apostiva*, porque *Joaquim* é *aposto* de *primo*, e o *aposto* ou *continuado* é sempre um *determinativo* do seu *fundamental*.

A *predicativa*, exercida por *tem comido* em relação ao sujeito, continua a ser de *forma verbal*, mas já não é *simples*, como era a exercida por *almoçou* no outro exemplo, e *sim composta*.

A *atributiva* de *de escabeche* em relação a *sardinhas* já não é igualmente de *simples atributo* ou *accessório*: é de *adjunto atributivo*, isto é, um pouco mais complicada.

A exercida por *durante toda a semana* em relação ao verbo é *adverbial*, mas também já não é *simples*, como era a exercida por *hoje* na outra frase em relação a *almoçou*. Ao passo que aí a circunstância de tempo era expressa por um *simples advérbio*, neste segundo exemplo a mesma circunstância já é expressa por um *circunlóquio adverbial*, em que se emprega a preposição *durante*, com o seu conseqüente ainda modificado por duas palavras, uma *pronominal*, de função *quantitativa*, outra *articular*, de função *determinativa*.

A exercida por *com o primo Joaquim* em relação a *tem comido* é *adverbial* e *complementar*.

Como *adverbial*, traduz uma circunstância de *companhia*, que neste caso, como é de *companhia à mesa*, se pode dizer de *comensalidade*.

Também não é *simples*, pois não é apenas expressa por um *advérbio*, mas *sim* também por um *circunlóquio adverbial* introduzido pela preposição *com* em função de regência do seu *conseqüente*, modificado igualmente por duas palavras, ambas de função *determinativa*: o artigo *o* e o *substantivo* *aposto*, *Joaquim*.

A exercida por *sardinhas* em relação a *tem comido*, essa é que continua *objectiva*, *directa* e *simples*, como era a expressa pela mesma palavra, em relação a *almoçou*, no outro exemplo. Mas, evidentemente, é porque se não quis complicar.

Cotejando as duas frases, vê-se que na segunda não aparecem mais que as mesmas cinco *relações* essenciais que apareceram na primeira, mas que algumas, sobretudo a *atributiva*, se multiplicam e se diferenciam.

As *relações complementares*, que nos exemplos dados foram *objectivas* e *directas*, podem, sem deixar de ser *objectivas*, passar a *indirectas*, ou então perder o carácter de *objectivas*.

Suponhamos esta nova frase:

«Nos duros combates travados durante todo o tempo gasto na batalha da Líbia, os soldados continuaram sempre a obedecer aos seus superiores com perfeito espírito de disciplina».

Aqui, como nos outros exemplos, entre as palavras em jogo as mesmas cinco *relações sintácticas*.

Entre *soldados* e *continuaram a obedecer*, a *subjectiva*; entre *continuaram a obedecer* e *soldados*, a *predicativa*, de *forma verbal composta*; entre *aos seus superiores* e o *mesmo verbo*, a *complementar*; entre *sempre*, *nos combates*, *com espírito de disciplina* e *continuaram a obedecer*, a *adverbial* e *complementar*, primeiro *temporal*, depois *locativa* e de *acção*, por fim *circunstancial de modo*; entre *duros* e *combates*, *travados* e o *mesmo substantivo*, *perfeito* e *espírito*, *seus* e *superiores*, *os* e *soldados*, etc., a *atributiva simples*, de mero *accessório*, ora *qualificativo*, como em *duros* e *perfeito*, ora *accional*, como em *travados*, ora *determinativa*, de carácter *possessivo*, como em *seus*, ou de carácter *articular*, como em *os*.

A *relação* entre *durante todo o tempo gasto* e *travados*, bem como a existente entre *na batalha da Líbia* e o *mesmo adjectivo verbal* são *adverbiais* e *complementares*, uma *temporal*, outra *locativa* e de *acção*, esta bem determinada pela *atributiva de adjunto*, existente entre *da Líbia* e *batalha*.

A que há entre *aos seus superiores* e *continuaram a obedecer* ainda é *objectiva*, como era nos outros exemplos a que havia entre o *complemento directo* e o *verbo*, mas já não é *directa*, e *sim* pelo contrário, *indirecta*: *aos seus*

superiores é, efectivamente, o *objecto* (ou *complemento*) *indirecto* de *continuar* a obedecer.

De *disciplina* está em relação *atributiva de adjunto* com *espírito*, e é de carácter *qualificativo*: *espírito de disciplina* corresponde a *espírito disciplinar* ou, aqui melhor ainda, a *espírito disciplinado*.

Das relações *adverbiais* notadas só uma é *simples* ou de *mero advérbio*: a existente entre *sempre* e *continuar* a obedecer. As outras, mais complicadas e com desenvolvimento *circunloquial*, em que intervêm *preposições*, são todas de *adjunto adverbial*.

Mas seja ainda esta nova frase: «Os combatentes então em luta na Líbia eram todos bravos e disciplinados».

Entre as palavras expressas ou subentendidas, as mesmas citadas cinco relações.

Mas agora a *relação predicativa* já não é de forma *verbal*, mas sim de forma *nominal*, e a primeira relação *complementar*, embora *directa* (não há *preposição intermediária* entre o *nome predicativo do sujeito* e o *verbo de ligação*), já não é *objectiva*, mas de natureza especial *predicativa e determinativa* (o *verbo ser* é de *significação indefinida*, e o *nome predicativo determina-o*).

Esta relação, *complementar*, quanto ao *verbo*, é ao mesmo tempo *atributiva* quanto ao *sujeito*, mas não de *mero atributo* ou *accessório*, e sim de *nome* ou *adjunto predicativo*, ao qual compete sempre normalmente uma *dupla função*: a de *completar* e *determinar* o *verbo* de *significação indefinida* e a de *caracterizar* ao mesmo tempo o *sujeito* ou o *complemento directo*, conforme seja *pertença* de um ou de outro.

As relações entre as palavras constituem o *objecto* da *sintaxe léxica*.

Não é difícil o seu estudo, como vimos, mas pode oferecer maior ou menor complicação, para desfazer a qual se exige o *espírito* feito e *discernimento*. Deve ser, portanto, estudo vedado a crianças.

Associando-se entre si as palavras, devem sempre fazê-lo para a expressão de um encadeamento lógico e harmónico das ideias.

De maneira que, no domínio da *sintaxe*, a *Gramática*, além de se ocupar da *análise léxica*, ocupa-se também da *análise lógica*.

A *Lógica* norteia o pensamento; a *Gramática* norteia e regula a expressão.

Uma e outra coisa deviam estar sempre em íntima concordância, porque a justo e bem ordenado pensamento jamais devia deixar de corresponder justa e bem ordenada expressão.

Mas não acontece assim as mais das vezes, e infelizmente.

O pensamento não raro se elabora em desordem: as ideias bulham umas com as outras.

Então, naturalmente, em desordem se apresenta a expressão: as palavras andam também às turras.

Mas é vulgar elaborar-se muitas vezes bem o pensamento, e apresentar-se inteiramente desordenada a sua expressão.

Quer dizer: há muitas pessoas que pensam a direito e que, não obstante, se exprimem péssimamente mal.

Não raro também, a linguagem traduz um puro *ilogismo*, ou uma série de *ilogismos*, e, todavia, a *sintaxe*, em grande número desses casos, sanciona a expressão e considera-a correcta e sem *solecismos*.

Explica a coisa por *síneses*, por *anacolutos*, por *silepses*, por *discordâncias*, por *atracções*, por *idiotismos*, por *factores psicológicos*, etc., etc., que alguns idiotas têm negado eu conhecer, quando já antes de 1885 e 1886 me eram mais que familiares!

De maneira que, muitíssimas vezes, a *análise sintáctica*, que de ordinário se diz também *lógica* e que *lógica* para crianças devia sempre ser, não tem absolutamente nada disso.

Por andarem confundidas, já mais de uma vez se me têm atribuído coisas que eu nunca disse e me tenho visto obrigado a travar discussões que não tiveram outra base senão um puro e fácil equívoco maldoso de quem não quis atentar bem nas minhas afirmações.

Mas disretearemos ainda um pouco mais sobre o assunto, que não deixa de ser interessante.



BIBLIOGRAFIA

LIVROS PORTUGUESES — XII

PROSA

O problema da razão de ser, valor próprio e eficiência da Crítica, voltará sempre a ser posto com a mesma intensidade e idêntica paixão. Exactamente como o problema, igual, da Poesia e com ele em íntima unidade e na mais estreita correspondência dos aspectos particulares que, à justa compreensão de ambos, impõem o espírito da Época, a doutrina de uma Escola, o carácter e o engenho de cada Escriitor.

As duas formas essenciais de toda a realização de Arte feita com a matéria verbal (por isto a mais humana e directa e a mais profunda e alta) que é a Literatura, as duas formas essenciais, Poesia e Crítica, desdobram-se e combinam-se diversamente nos géneros literários e, mais complexamente, na forma pessoal por que deles usa cada autêntico Escriitor.

Mas pode afirmar-se que não há género literário, nem verdadeira obra de Literatura, em que não estejam presentes, numa proporção infinitamente variável, é certo, mas que não exclui nunca essa dupla essencial presença, o espírito poético e o espírito crítico. Mesmo nos casos limites de uma Poesia de inspiração delirante, e de uma Crítica *científica* e escolar, obediente a regras não repensadas. Para além destes casos limites (e já de si inferiores) estão os inúmeros livros que não pertencem à Literatura.

Da proporção exacta de espírito poético e de espírito crítico própria de cada género literário, do tema, vivido ou simbólico, e do intuito do Escriitor, em grande parte, se não, mesmo, principalmente, depende a perfeição de uma obra de Literatura.

Por isto a perfeição das obras literárias é tão variada e tão complexa como o valor dos engenhos pessoais em que se originaram. E mais, decerto, do que por uma descida momentânea de valor, é por carência daquela exacta e adequada proporção dos dois espíritos que algumas obras de altos engenhos ficam aquém da perfeição desejável e que as tornaria perenes.

Exemplo de perfeição absoluta, obtida com um máximo poder e sempre, é a Obra — toda a Obra — de Dante Alighieri, Poeta da mais funda inspiração e da mais rigorosa auto-crítica; Comentador da sua própria Poesia e da alheia; Crítico, dos mais altos, das Obras Poéticas e seu significado (que sem ele são verbalismo) e da Linguagem e seu valor, e da Sociedade e sua necessária estrutura política. Exemplos semelhantes, embora nem sempre inteiramente manifestados, são os de todos os grandes criadores e, mesmo, em menor plano, o de todos os realizadores de obras perfeitas e, por isto, perduráveis integralmente.

É certo que, as mais das vezes, o espírito crítico, se limita a manifestar-se onde é essencial, na auto-crítica, ou melhor, na íntima cooperação com o espírito poético na realização de uma Obra. Mas não com vantagem para ele, que só ganha ductilidade, experiência e fundura se for aplicado também a Obras alheias e as mais diversas. Com grave prejuízo para a Cultura de qualquer Época e de qualquer País e a compreensão verdadeira da mais alta criação humana, tão vasta já, a das grandes Obras da Literatura Universal.

Mas o facto de tantos Escriitores se negarem a fazer a Crítica de Obras alheias (por indiferença, receio de luta, carência de estudo ou menos capacidade para o trabalho) não passa de uma recusa de exteriorização, Porque

a auto-crítica não pode fazer-se nunca sem termos de comparação. Porque a Arte Literária se forma necessariamente na leitura crítica de Obras alheias. Porque as influências, ou antes, ensinamentos, sempre tão úteis à formação de um Escritor, só não serão opressivos e deformadores da personalidade se forem vividos com espírito crítico. Este só em casos muito raros (e talvez nunca em absoluto) é exclusivamente pessoal. Com o espírito crítico pessoal coopera e, por vezes, se lhe sobrepõe mas nunca o exclui, o espírito crítico de cada Época, o que essencialmente determina os movimentos literários, por influência predominante de um indivíduo superior, a conjugação de tendências profundas e as doutrinas de uma Idade Literária, uma Geração ou uma Escola.

Isto basta, creio, para justificar a Crítica e demonstrar a sua necessidade, mesmo para a criação da maioria das Obras poéticas, (em verso ou em prosa) as mais intensamente pessoais.

Crítica em que também haja espírito poético, evidentemente, e sincera, leal, corajosa, dura, se necessário, mas verdadeira Crítica, desejosa, portanto, de animar algum valor poético e de fazer que ele seja melhor e mais profundamente compreendido.

Também isto explica a natural reacção, indignada, violenta ou angustiosa e triste, dos verdadeiros Poetas, dos bons Críticos ou dos simples leitores compreensivos e amantes de Obras literárias de valor, mais ou menos perfeitas, contra a actividade, tão comum, da falsa Crítica.

Falsa e má, seja ela de louvor ou de censura, porque de ambas as formas se pode trair o seu motivo e faltar à probidade que lhe é essencial.

Infelizmente não só o comum público mas também alguns homens superiores confundem essa falsidade com a verdadeira Crítica, tão rara quanto a boa Poesia.



Pareceu-me útil esta rápida justificação da Crítica para bem se compreender o alto valor humano e literário do livro de

ANTÓNIO DE EÇA DE QUEIRÓS — *'Desafronta à Memória de Eça de Queirós'* — Lelo & Irmão. Editores — Porto — 1950.

O seu único defeito, que seria grave se não tivesse uma natural explicação e consequente desculpa, é o da recusa do valor da Crítica e até da sua utilidade para o público, erradamente o considerando consciente e capaz, só por si, da exacta compreensão e total amor das grandes Obras literárias.

Mas não tem a Crítica verdadeira que ofender-se, nem o fará nenhum Crítico, de valor e consciência, que leia este livro. Porque naquela recusa há apenas o excesso da natural reacção de uma inteligência e de uma sensibilidade há muito padecendo as directas, injustas, pesadas ofensas de toda a falsa Crítica. E por outro lado, se o justo e nobre motivo deste livro está nessa reacção dolorosa e indignada, nem por isto ele deixa de ser (ainda que assim o não julgue o seu Autor, ou o queira negar) um livro de verdadeira e boa Crítica.

É-o de várias maneiras e sempre com valor, propondo alguns dos mais graves problemas da Crítica e dando-lhes as mais humanas e mais justas e pertinentes respostas.

Não exclui a qualidade verdadeira da Crítica e o equilíbrio de uma Obra, a paixão que lhe deu motivo, e a alma e lhe dá valor polémico, se, como acontece neste caso, essa paixão é nobre e se não cega nem induz em erro, antes, muito ao contrário, dá maior agudeza à visão e lhe abre novas e valiosas perspectivas.

A Polémica não é, aliás, por sua natureza, um género literário inferior, embora facilmente determine livros sem qualidade nem valor perdurável. O motivo desta Obra, a desafronta à memória de um Pai e de um Escritor genial, ao mesmo tempo muito amado e muito admirado, deu-lhe precisamente a virtude, rara, de uma polémica elevada ao plano da verdadeira e alta Literatura. E raríssimo, se não único, em todas as Literaturas, é o caso psicológico desta polémica, e corajoso o ter ousado escrevê-la.

Nobre ousadia, compensada, por justa e natural consequência, com o valor a que a Obra subiu. Esse valor literário, não procurado mas conse-

guido, é grande e, estou certo, será permanente. Considero-o sem favor, um dos melhores livros de polémica literária da nossa Literatura e julgo que nela não poderá ser esquecido no futuro, mesmo quando já ninguém lembre os livros, de falsa Crítica e de afronta à humana grandeza, que lhe deram motivo.

Para essa qualidade superior conjugam-se a lucidez da análise crítica (desculpe o Autor) e a apaixonada mas justa indignação; o vigor do estilo e a coragem do homem; a combatividade e a ironia; a sátira contundente e o equilíbrio dos conceitos literários; o desprezo por quanto considera inferior e injusto e, ao mesmo tempo, a dor por ter visto, de há tanto e gravemente afrontado o que têm de melhor o seu coração e a sua inteligência. E a tudo isto a qualidade humana de filho daquele Grande cuja memória tem sido afrontada (infelizmente a dele e de todos os Grandes, por natural consequência das rancorosas e capciosas doutrinas plebeístas) não retira valor, antes, e em muito, o aumenta.

E não apenas como qualidade humana e sinceridade máxima da polémica. Como demonstração, indirecta mas profunda e irrecusável, do alto valor moral do Homem que foi Eça de Queirós.

Quando um Pai assim pode ser amado e admirado por seus filhos é porque a sua personalidade verdadeira e profunda foi da mais alta nobreza, equilíbrio e perfeição serena. Isto seria para mim uma certeza, ainda quando existissem provas em contrário. E no caso de Eça de Queirós nenhuma prova (as tão falíveis *provas* que fornece a vida exterior, condicionada por acasos da sorte, alheios rancores, invejas e baixeiras) e nenhuma *interpretação* da sua biografia podem ser aduzidas em contrário.

Algumas dessas *interpretações* tocam as raias do ridículo. Absurdo e ridículo supor a existência de um complexo de inferioridade num homem superior em tudo, a raça, o valor próprio e a categoria social, porque foi uma criança legitimada pelo casamento de seus Pais; porque, como diz o bom povo português, desprezador da *respeitabilidade*, tão falsa, da baixa burguesia, admirador da nobreza dos sentimentos e do sangue e da grandeza de alma e das paixões, crente na remissão dos pecados e erros pela Igreja e seu perdão e sacramentos, ele foi «um filho do amor».

Deve ter sido este *complexo de inferioridade* o que levou o Mestre de Avis a reafirmar a Independência nacional, a fazer-se Rei, a iniciar pela conquista de Ceuta, a grandeza de Portugal e da Europa, e também a escrever o '*Livro da Montaria*'.

A mim (filho legítimo de casamento católico, devo acrescentar) estas ideias de Freud, já de si tão simplistas, aplicadas, em Portugal, aos «filhos do amor» só me provocam o riso.

Mas o que não dá vontade alguma de rir é ver o comum desrespeito por toda a grandeza, o vicioso prazer de a rebaixar, seja por que modo for.

Neste caso, porém, os livros de afronta a um Grande foram úteis, indirecta e involuntariamente úteis. Porque forçaram a realização do livro de desafronta e com ele obtivemos um elemento de alto valor para a visão do homem Eça de Queirós.

Deu-nos ele também assim, dentro dos justos e estreitos limites em que, para o estudo profundo e sério de uma Obra, servem os dados biográficos, um elemento, não menos valioso, para a mais perfeita compreensão das realizações geniais do grande Poeta e grande Crítico, do perfeito Romanista Eça de Queirós.



As Obras literárias existem e valem por si próprias, sem possível alteração, iguais sempre ao que as fez o seu criador.

Mas a sua compreensão varia, evolui, atinge um mínimo de verdade que pode ser esquecida mas reaparece e se aumenta e aprofunda com o tempo, às vezes longo, pois quanto mais alta é uma Obra mais demoram, naturalmente, os homens, mesmo os superiores, a compreendê-la e valorizá-la devidamente.

Compreender o melhor possível as Obras geniais e valorizá-las quanto mereçam; integrá-las com todo o seu valor na Cultura comum; ajudar a

engrandecer, por este modo, o Espírito humano, é a mais alta missão da Crítica.

Ela exige uma natural, nobre e absoluta simpatia pela grandeza. Pode o nosso espírito não comungar com o de uma Obra grande, recusar-lhe o nosso coração a simpatia. Mas não pode a Crítica das Obras que atingiram um valor genial negar-lhes nunca o respeito e a admiração. A elas e aos seus Autores, que para as fazerem aceitaram o cumprimento do mais nobre mas também muito duro destino e os inúmeros sacrifícios do trabalho intelectual superior. Se esta condição essencial da Crítica existe, qualquer aspecto, embora parcial, que ele procure nas Obras geniais, tem verdadeiro interesse, se lhe corresponde, evidentemente, o valor do espírito crítico e o estudo e o trabalho necessário para a realização séria do que exige o tema e o intuito do Autor.

Foi com a esperança de acrescentar um novo aspecto, ainda que parcial, à compreensão de *Eça de Queirós* que iniciei a leitura da conferência publicada por:

JOAQUIM PAÇO D'ARCOS — *'Eça de Queirós e o Século XX'* — Lisboa — 1949.

As observações de um Romancista de hoje (cujo estudo espero me seja permitido fazer dentro em breve) e em nome do verdadeiro espírito da nossa época, sobre um grande Romancista do Século XIX que se elevou a um plano intemporal de grandeza humana eterna, considero-as necessárias e úteis. Devo dizer, com inteira lealdade, que a leitura desta Conferência me desiludiu, porém, completamente. Não por qualquer inferioridade literária, pois é bem escrita, eloquente mesmo, sendo muito natural que tenha agradado ao público, não de Críticos por certo, que ouviu a sua leitura. Não também — e já seria motivo bastante — por não corresponder em nada ao problema, tão vasto, que propunha o seu título.

Nem seria fácil que esta ambição de definir um homem genial do Século XIX perante o espírito da nossa época (do Século seria sempre demais), também antes definido numa visão exacta, ainda que pessoal, e de os confrontar, pudesse caber no âmbito de uma conferência. Pecou, por isso, desde logo, o Autor por falta de espírito crítico na prévia concepção do seu tema e da Obra em que poderia ser bem realizado.

Mas isto só importa ao valor de uma Obra a cuja realização o seu Autor não quis dar, infelizmente, a importância, o trabalho e o estudo que ela merecia. E o Autor em outras Obras tem decerto com que se desculpar de uma fraqueza que lhe impôs a vida social.

O que me desiludiu foi não sentir em nada a presença do Romancista de hoje nas observações, muito vagas e mal apoiadas em alheios textos, que fez sobre a Obra do seu grande antecessor.

Foi principalmente a carência de espírito crítico, ou da sua exteriorização (pois necessariamente o deve ter quanto à sua Arte e ao género literário em que se realiza) na compreensão de *Eça de Queirós* e da sua Obra, também aqui deformados por uma visão, não própria, é certo (mas era isto que deveria dar-nos), mas adoptada sem revisão.

Foi, mais ainda, o erro grave de certos conceitos, seus ou meramente adoptados, mas a que emprestou, como Romancista de hoje, o valor da sua adesão. O pior desses conceitos, repetindo um lugar comum erradíssimo (e que se impôs até a Escritores que, por suas obras o negam) é o da oposição entre um estilo pessoal e o valor e a perfeição da Linguagem de que ele usa.

A Obra de *Eça de Queirós* tem-se prestado mais que nenhuma outra a esta confusão entre o estilo pessoal e o valor, pureza desejável e perfeição da Linguagem. Não por culpa de *Eça de Queirós* mas sim dos seus apressados leitores e do desconhecimento quase geral da nossa Literatura.

Eça de Queirós não recriou a Linguagem. Nenhum Escritor só por si, ainda que seja um semi-Deus, pode recriar uma Linguagem.

Eça de Queirós, por isso grande, obedeceu ao espírito e às leis fundamentais da Linguagem Portuguesa, não às modas transitórias que lhe impõem os estilos dominantes em qualquer época. Quando, por necessidade pessoal do seu estilo (ou mera ilusão) desobedeceu àquelas permanentes leis

e génio da Língua (e tão pouco foi) criou formas de expressão nadas-mortas que ele próprio não repetiu ou emendou e ninguém tem o direito de manter.

Eça de Queirós pôde realizar um Estilo admirável exactamente porque a Linguagem Portuguesa lho permitia e não contra ela. Flaubert, com não menor talento e aspirações de Artista, não pôde criar essa beleza de estilo com a Linguagem Francesa.

Renovador, Eça de Queirós? Sim, mas do Estilo e no que lhe era pessoalmente necessário. Seguindo, aliás, os passos de Garrett e paralelamente a Machado de Assis. Mais ainda, e talvez apenas por intuição, subindo ao estilo vivo (e às vezes tão parecido com o seu) de Obras portuguesas dos séculos anteriores.

Reservo a demonstração do que afirmo para outro lugar e se a vida mo consentir a farei. O que desejo aqui é apenas vincar que a Linguagem Portuguesa já existia perfeita e dúctil e se manteve perfeita e pura antes e depois da Obra de Eça de Queirós. E que foi essa Linguagem, que todos temos a obrigação de querer perfeita, o que tornou possível a Obra, tão pessoal e tão alta, do Estilista Eça de Queirós.

Combater «o Purista, o Gramático, o Fiscal da Língua» é um erro e uma ingratitude. Não são eles quem faz a Linguagem nem melhor a emprega? Decerto. Mas ajudam os Escritores a conhecer melhor a matéria admirável, muito rica e já feita, que pode ser ainda enriquecida, empregada o mais diversamente, mas não deturpada e traída, a matéria viva e animada por um génio próprio, a Linguagem com que eles têm de trabalhar.

Alcunhar de «idioma fradesco» o Português de antes de Eça de Queirós, é apenas repetir um lugar comum sem verdade, baseado no desconhecimento da admirável e tão complexa e rica Literatura Portuguesa.

Dizer o «idioma de Bernardes e de Vieira, pesado e solene como os coches de D. João V» e acrescentar que Eça de Queirós (não lhe seria bastante nem todo o poder de um Dante e de um Camões reunidos) criou uma linguagem, são apenas frases que definem o «estilo» e a concepção da Linguagem de quem as escreveu e de quem, por hábil vingança, as transcreve o Autor desta Conferência.

Dizer Eça de Queirós «reformador da Língua Portuguesa anquilosada até aí pelo excesso de casticismo» e criador de «um Idioma europeu que os nossos avós ainda não possuíam e que graças a Eça de Queirós os nossos filhos possuirão» (os desgraçadinhos!) são frases sem verdade e sem sentido. Só as desculpa, por as supor apenas filhas de um desejo de vingança do Romancista contra um episódio já esquecido por quantos o admiram e o julgam capaz de escrever bom Português e de transmitir esta Linguagem, de séculos e de génio, aos seus filhos para que não venham a possuir um *Idioma europeu*, (esperanto, volapuk, russo ou coisa parecida).

Tudo isto foi, um motivo mais para a imperfeita compreensão da tão alta e portuguesa Obra de Eça de Queirós, só possível, assim alta e bela, por virtude também da Linguagem que lhe permitiu a integral realização do seu engenho e da sua Arte. Erros graves da Crítica e em que insisto, principalmente porque têm o perigo de aniquilar, ou pelo menos diminuir, as qualidades autênticas de escritor do Romancista Joaquim Paço d'Arcos.

Porque só de uma coisa podemos ter a certeza todos nós, Poetas e Críticos, Romancistas e Dramaturgos, Pensadores e Artistas da Palavra, homens de ontem, de hoje ou de amanhã: Nenhuma obra genial se fez nunca sem a colaboração do génio de uma Linguagem e sem que ele seja respeitado, amado e profundamente vivido.

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

'OCIDENTE' — Revista portuguesa mensal fundada em 1938. Director — Alvaro Pinto — Band 36, Januar/ Juli 1949; Band 37, Juli/ Dezember 1949.

Die Vorgeschichte dieser seit 12 Jahren bestehenden Zeitschrift gibt der Herausgeber und geistige Leiter *Alvaro Pinto* selbst Bd. 36, S. 57 in einer Rechtfertigung seiner Lebensarbeit. Seit 1907 in der Publizistik stehend, gehört er seit 1910 zu einer Gruppe von Intellektuellen, die sich die Aufgabe setzte, die Kultur des portugiesischen Volkes durch Veröffentlichung von Zeits-

chriften, Begründung von Volkshochschulen und Volksbibliotheken, Organisation von Vorträgen usf. zu heben. Ein fünfzehnjähriger, durch die politischen Verhältnisse seiner Heimat bedingter Aufenthalt in Brasilien bestärkte ihn in seiner Arbeit und stellte die geistige Verbindung mit den intellektuellen Kreisen Brasiliens her, deren Pflege in dieser Zeitschrift eine ähnlich grosse Rolle spielt wie in der früher besprochenen *'Revista de Portugal'*. 1935 nach Portugal zurückgekehrt, überzeugt, dass die unterdenssen in seiner Heimat verwirklichte politische Ordnung die beste Voraussetzung für die erstrebte portugiesische Renaissance darstellt, hat Alvaro Pinto in der Zeitschrift *'Occidente'* einen geistigen Sammelpunkt geschaffen, um den man das kleine, so sichtbar aufstrebende Land nur beneiden kann.

Die Zeitschrift wirkt wie eine Monatsschau im Film des geistigen Lebens Portugals. Sie bringt nicht, oder nur gelegentlich, kleine Auszüge aus dem dichterischen Schaffen der Gegenwart. Aber sie berichtet ausführlich über alles, was auf dem Gebiete der Dichtkunst — Theater, Novellistik, Lyrik — verdient, weiteren Kreisen bekannt zu werden. Fortlaufend wird von *Diego de Macedo* über Malerei, Bildhauerei, gelegentlich auch Architektur berichtet. Auch die kulturelle Vergangenheit des portugiesischen Volkes steht im Breenpunkt des Interesses der Mitarbeiter, nicht nur in Abhandlungen zur älteren und klassischen Literatur der Portugiesen, unter denen namentlich die *Lusiaden* von *Camões* in einer Reihe von Aufsätzen behandelt werden, sondern auch in den fortlaufenden Berichten von *Rodrigues Cavalheiro*, die er unter dem Sammeltitle «Unter dem Schutz der Klio» erscheinen lässt. Eine besondere Beachtung verdient ferner die liebevolle Behandlung der Fragen der Volkskunde durch *Luis Chaves*, die Bemühungen um die Sammlung der im Volke weiterlebenden Zeugnisse einer alten Kultur. Auch die Bestrebungen, die im Ausland für die Verbreitung der Kenntnis vom portugiesischen Geistesleben wirken, werden verzeichnet, so in Berichten über die iberoromanischen Studien an den Universitäten Bordeaux und Toulouse. Von den ausländischen Literaturen wird namentlich das Schrifttum in englischer Sprache in ausführlichen Besprechungen berücksichtigt.

Das Studium der portugiesischen Sprache hat in der *'Revista de Portugal'* ein eigenes Organ gefunden. Da sich diese Zeitschrift aber das Ziel setzt, das portugiesische «Leben» darzustellen, und die Sprache dabei nicht ausgeschieden werden kann, bringt jedes Heft des *'Occidente'*, wie die eigentliche Sprachzeitschrift, einen Abschnitt mit Fragen und Antworten zur portugiesischen Sprachgeschichte, und unter den Annexen findet sich eine Neuausgabe der «Fragen der heimatlichen Sprache» von *Xavier Fernandes*, die auch eine Art Fragen und Antworten ist, wie sie den gebildeten Portugiesen, der auf Sprachrichtigkeit hält, berühren.

Zu den portugiesischen Lebensfragen gehört auch die Wirtschaft, und so veröffentlicht ein alter Mitarbeiter des Herausgebers, *Ezequiel Campos*, regelmässig seine Betrachtungen zu den wirtschaftlichen Tagesproblemen, bei denen auch die Frage der Kolonien begreiflicherweise eine gewisse Rolle spielt. Wenn man schliesslich als Deutscher immer wieder in der Auslandspresse soviel Unverständnis den deutschen Lebensfragen gegenüber lesen muss, freut es einen ganz besonders, zum Beispiel in den «Bemerkungen und Kommentaren» des Herausgebers zu finden, dass dort, wo nich Hass den Intellekt verunkelt, der gesunde Menschenverstand zum Durchbruch kommt. Wer sich also über das geistige Leben des kleinen strebsamen Volkes ein anschauliches Bilde machen will, ohne die Möglichkeit zu haben, aus erster Hand zu schöpfen, wird in der Zeitschrift *'Occidente'* reichste Anregung finden.

(*'Universitas'*, Tübingen)

Prof. Dr. E. Gamillscheg

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina. — *'Notas Vicentinas'*. — Preliminares duma edição crítica das obras de Gil Vicente. Notas I a V incluindo a introdução à edição facsimilada do centro de Estudos Históricos, de Madrid. — Vol. de 180 × 250 mm. e 664 págs. Edição da Revista *'Occidente'*, Lisboa, 1949.

A revista *'Occidente'*, superiormente dirigida por Alvaro Pinto, entre muitas iniciativas belas a que se tem consagrado, conta mais esta: haver reeditado

em volume manuseável estas preciosas notas publicadas por D. Carolina Michaëlis na Revista da Universidade de Coimbra, cuja colecção é já hoje rara e muito mais a separata que delas ao tempo foi feita em escasso número. As 'Notas Vicentinas' são ainda hoje o melhor comentário à obra do patriarca do teatro português. Nem todas têm o mesmo valor. A parte referente à cultura eclesiástica, e nomeadamente à liturgia, teria hoje que ser completada ou rectificadora, porque D. Carolina nem sempre trabalhou com informação directa e de primeira mão. Mas, evidentemente, trata-se de questões acidentais e de puro pormenor. As linhas mestras da sua obra revelam uma erudição pasmosa e um escrúpulo de indagação com discernimento atiladíssimo, que fizeram dela uma das melhores figuras universitárias da Coimbra de todos os tempos. Bela edição, belamente conduzida. Bem haja quem tão dedicadamente a proporcionou de novo às letras pátrias!

D. M.

('Brotéria' — Lisboa)

LIVROS RECEBIDOS

- 3079 — *Santos Cravina* — 'A Virgem de Fátima' — 196 p. — Lisboa — 1950.
- 3080 — *A. Neves e Sousa* — 'Mahamba' — 86 p. — Lisboa — 1949.
- 3081 — *Sebastião da Gama* — 'Cabo da Boa Esperança' — 176 p. — Portugália Editora — Lisboa — 1947.
- 3082 — *Fernando Frade* — 'Os Estudos de pescarias do Ultramar português — Os atuns' — 32 p. — Junta de Investigações Coloniais — Lisboa — 1950.
- 3083 — *Visconde de Lagoa* — 'A dupla Liampó das Crónicas portuguesas' — 20 p. e mapas — Junta de Investigações Coloniais — Lisboa — 1950.
- 3084 — *Esteves de Sousa* — 'Considerações acerca do equilíbrio entre as comunidades florestais e o ambiente em Moçambique' — 38 p. — Junta de Investigações Coloniais — Lisboa — 1950.
- 3085 — *Júlio de Lemos* — 'A alma religiosa de Junqueiro' — 24 p. — Viana do Castelo — 1950.
- 3086 — 'Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente' — coligida por *António da Silva Rego* — Índia — 3.º vol. — 584 p. — Agência Geral das Colónias — Lisboa — 1950.
- 3087 — *Silva Cunha* — 'O Trabalho indígena' — 300 p. — Agência Geral das Colónias — Lisboa — 1949.
- 3088 — 'Esforço missionário português — Arquidiocese de Lourenço Marques' — 152 p. e grav. — Agência Geral das Colónias — Lisboa — 1950.
- 3089 — *António Carreira* — 'Mutilações corporais e pinturas cutâneas rituais dos negros da Guiné Portuguesa' — 50 p. — Centro de Estudos da Guiné Portuguesa — Bissau — 1950.
- 3090 — *Roger Barthe* — 'Le Monde Néo-Latin' — 14 p. — Institut d'Études Occitanes — Toulouse — 1950.
- 3091 — *Manuel de Campos Pereira* — 'David Pascal' — 356 p. — Livraria Civilização — Porto — 1950.
- 3092 — *João de Brito Câmara* — 'Ilha' — 98 p. — Coimbra — 1950.
- 3093 — *Maria do Carvalho* — 'Canto Agreste' — 60 p. — Lisboa — 1950.
- 3094 — *Joaquim Paço d'Arcos* — 'Espelho de três faces' — 498 p. — Parceria A. M. Pereira — Lisboa — 1950.
- 3095 — *Luís Teixeira* — 'Alvorada de Agosto' — 352 p. — Livraria Clássica Editora — Lisboa — 1949.
- 3096 — *José Maria Viqueira Barreiro* — 'El lusitanismo de Lope de Vega y su comedia *El Brasil restituído*' — 352 p. — Coimbra Editora, Lda. — 1950.
- 3097 — *Conde de Vila Franca* — 'D. João I e a Aliança Inglesa' — 2.ª ed. — 306 p. — Lisboa — 1950.
- 3098 — *Guilherme de Castilho* — 'António Nobre' — 332 p. — Livraria Bertrand — Lisboa — 1950.
- 3099 — *Henrique de Barros* — 'Visão dum agrónomo português acerca do Brasil agrário' — 68 p. — Editorial Inquérito, Lda. — Lisboa — 1950.



NOTAS E COMENTÁRIOS

★ CRÓNICA — Tiveram mais extensão e vivacidade as homenagens camonianas deste Junho de 1950. Durante todo o ano falou-se muito do Épico e do Lírico e isso decerto contribuiu para melhor lembrança daquele que lavrou em estrofes imortais os feitos mais gloriosos da Raça. No País, nas Ilhas, no Ultramar, nas colónias portuguesas do Estrangeiro recordou-se o nosso maior génio literário e consagraram-se à sua memória preitos sentidos e invocações do mais profundo Civismo. No incomparável poema de *'Os Lusíadas'* têm os Portugueses uma fonte perene de grandes pensamentos e de nobilíssimos exemplos. Em toda a Obra de Camões, a alma portuguesa palpita e vibra com suas virtualidades mais excelsas. Retemperemos, pois, nesses Versos sempre sublimes e eternos as nossas energias depauperadas e ensinemos filhos e netos a cultuarem com expressão cada vez mais fervorosa o Vulto máximo da nossa Literatura e do nosso Renascimento espiritual. — Dentre os actos de maior significado levados a efeito por ocasião das homenagens a que nos estamos referindo, devemos salientar a patriótica iniciativa do ilustre Ministro da Guerra, Sr. Tenente-Coronel Santos Costa, mandando oferecer um exemplar de *'Os Lusíadas'* a cada cadete, que este ano iniciou a sua vida de Oficial do Exército. Foram 72 os finalistas da Escola de Guerra e todos receberam, em festiva solenidade, com a espada, o Poema de Camões. Belo acto, cheio de grandeza evocativa, substitui perfeitamente a velha pompa com que se armavam cavaleiros os jovens que queriam dedicar sua alma e sua vida à defesa da Pátria.

★ COLONIZAÇÃO DA ÁFRICA — Nos últimos três anos — 1947 a 1949 — já se fixaram na Província de Moçambique 15.000 colonos brancos bem instruídos e suficientemente apetrechados para uma colonização eficiente. Na Província de Angola estão agora a desenvolver-se em larga escala os colonatos indígenas em óptimas condições para os africanos que queiram formar as suas pequenas propriedades, tratando-as e explorando-as dentro duma orientação esclarecida e com o auxílio de todos os utensílios necessários ao bom rendimento dos esforços dispendidos. Esta é, sem dúvida, a boa forma de ocupar definitivamente os nossos domínios e de retirar excelentes resultados dessas enormes extensões em que podemos produzir muito do que necessitamos no Continente e bas-

tante mais para exportação, que possa compensar o maléfico e altamente desnorteador *déficit* da nossa balança comercial. Só é preciso persistir, arrotear, semear.

★ LIVROS AMERICANOS — Há nos Estados Unidos uma publicação dos Editores americanos, *The American Book Trade Journal*, que insere dados e informações de viva importância para o comércio de livros. Num número recente traz a estatística da exportação de livros americanos em 1948. Entre os países da América do Sul, o Brasil foi o primeiro importador com 415.810 dólares, ou sejam cerca de 12.000 contos da nossa moeda. A seguir figura a Venezuela com 110.563 dólares e a Argentina com 76.271. Da verba gasta pelo Brasil, 249.573 dólares foram de livros técnicos e didáticos e só 166.237 dólares de livros de ficção. A França gastou 183.780 dólares em livros técnicos e didáticos e 48.713 em livros literários. Nas Filipinas, a verba de livros técnicos e didáticos subiu a 1.422.519 dólares, sendo a de outros livros de 1.315.239 dólares. Repare-se nisto: A verba estabelecida para permuta de livros no Acordo comercial luso-brasileiro foi de 6.000 contos, precisamente metade da verba de livros americanos comprados pelo Brasil em 1948. Apesar da atonia editorial em que a famosa *normalização* do papel veio colocar o País, cremos que seria possível exportar para o Brasil muito mais que aqueles 6.000 contos, calculados não sabemos por quem nem com que critério. Infelizmente, porém, as relações entre Portugal e Brasil e os principais problemas do intercâmbio ou se descuram de forma quase inacreditável ou correm por mãos de quem nem sabe por onde lhes pegar.

★ A JUSTIÇA CONTINUA SERENA — Prosseguem os actuais mentores da Misericórdia do Porto no vão intuito de quererem macular a austeridade inatingível do venerando Dr. António Luís Gomes, que, aos 87 anos, ainda precisa de afirmar ter sido toda a sua vida um modelo de honradez, respeito pelos direitos dos outros e íntegra execução de seus deveres. Felizmente, a Justiça tem estado a seu lado desde a primeira hora e em 22 de Março último os três Juizes da Relação do Porto — Malgueiro, Gustavo Dias e Manuel Pereira Brandão, mais uma vez repudiaram todas as acusações feitas, conforme já referimos. Tivemos ocasião de ler agora todos os fundamentos que levaram o douto Tribunal a negar provimento aos últimos agravo e recurso e pudemos apreciar, mais uma vez, como é cega e maldosa a natureza humana quando se deixa cegar pela paixão e pelo rancor. Os íntegros juizes desfizeram um por um todos os frágeis argumentos da acusadora e chegaram a esta frase que devia bastar para pôr um ponto final em tão antipática querela: «A questão a resolver é simples». E, na verdade, poucas vezes terá aparecido na Relação do Porto questão assim líqüida, cristalina e transparente. Para não deixar, porém, de conduzir o litígio até ao fim, a Autora recorreu ainda para o Supremo Tribunal. Aguardemos serenamente o último veredicto e felicitemos desde já o antigo Provedor da mesma Misericórdia pela nova retumbante vitória que seus méritos e virtudes lhe vão proporcionar na mais alta Assembleia da nossa Justiça.

★ PRECIOSIDADES BIBLIOGRÁFICAS — Abre amanhã, 2 de Julho, no Palácio dos Carrancas, a exposição de Livros de D. Manuel II, comemorando-se com este acto de grande projecção espiritual o 18.º aniversário da morte do último rei português. Já nos referimos ao notável Catálogo, que será posto à venda na abertura da Exposição e que ficará como documento precioso do zelo e inteligência com que o Rei bibliógrafo e bibliófilo estudou e descreveu as admiráveis preciosidades que adquiriu e conservou. Para que se faça uma ideia do que é o Catálogo em referência, aqui reproduzimos o que, de duas espécies do primeiro quartel de Quinhentos, diz o Lente de Coimbra, Dr. Joaquim de Carvalho, organizador e comentador de *Livros de D. Manuel II*:

BOOSCO DELEYTOSO

Lisboa, Hermão de Campos, 1515.

Este exemplar, completo na totalidade das suas páginas, é único, dele dizendo D. Manuel que «é sem dúvida uma das jóias da nossa Biblioteca, pois guarda ainda a sua admirável encadernação primitiva, de tábuas revestidas de couro lavrado, de um finíssimo trabalho moçárabe. Nestas excepcionais condições, o valor do livro é inestimável».

Compreende-se, assim, que seja da pena do autor dos *Livros Ant. Port.* (1, pp. 287-299) a descrição exacta e mais minuciosa deste valioso livro, cujo título também mereceu a D. Manuel a atenção de umas páginas e cujo texto importa ser considerado por quem pretenda configurar a sensibilidade moral e religiosa no primeiro quartel do séc. XVI, e, em especial, na roda palaciega de D. Leonor, a Rainha velha.

[Cristina de Pisano], AQUI COMEÇA O LIURO CHAMADO ESPELHO DE CRISTINA O QUAL FALLA DE TRES ESTADOS DE MOLHERES. E HE PARTYDO EM TRES PARTES.

Lisboa, Hermão de Campos, 1518.

Deste directório para «inssinança das damas», mandado traduzir por D. Isabel, mulher de D. Afonso V e filha do Infante D. Pedro, e imprimir pela rainha D. Leonor, viúva de D. João II, somente se conhecem dois exemplares. São dignas de consideração as notícias e hipóteses de D. Manuel acerca desta versão portuguesa do *Trésor de la Cité des Dames* da famosa Christine de Pisan.

A Exposição é promovida pela Fundação da Casa de Bragança, a quem já se devem tão belas iniciativas em prol da Cultura.

★ PAÇO DUCAL DE VILA VIÇOSA — Ainda à mesma Fundação se devem as importantíssimas obras de conservação, reintegração e beneficiação do Paço Ducal, hoje inteiramente outro do que era há poucos anos. Dentre essas obras, é justo salientar a reintegração das salas da ala-sul do andar nobre, reconstituição de antigos tectos e restauro das respectivas pinturas, restauro dum gabinete com pinturas murais de 1602 em que se exhibe a Cruz de Vila Viçosa, novas instalações da Biblioteca e Arquivo, novas salas da Armaria, instalação dum Museu Arqueológico, arranjo da sala de Medusa, reunião em uma das salas dos quadros de D. Carlos e em outra das águas-fortes de D. Fernando II, etc.

★ NOVAS REVISTAS BRASILEIRAS — Aumentando hora a hora a sua capacidade cultural, o Brasil tem animado os seus homens de letras e de ciência a fundarem grande número de revistas, que, valorosamente, vão singrando através das dificuldades

da hora presente. Temos agora diante de nós, além das já referidas em números anteriores: o 'Jornal Brasileiro de Psiquiatria', dirigido pelo muito ilustre Professor Maurício de Medeiros e a 'Revista de História', aparecida em S. Paulo sob a direcção do Professor de História da Civilização Antiga e Medieval, Dr. E. Simões de Paula. Ambas estas revistas revelam um alto nível científico, aliado àquela tão lúcida perspicácia que distingue e caracteriza as publicações brasileiras desta categoria. Os estudos de uma e de outra são do mais vivo interesse, sobressaindo na revista de Psiquiatria os notáveis trabalhos de Flávio de Sousa, Samuel Freitas, J. Alves Garcia e Maurício de Medeiros. Na Bibliografia desta última cumpre salientar também as honrosas páginas de Domingos Guilherme da Costa sobre obras do nosso eminente sábio Egas Moniz. Desejamos às duas valiosas publicações vida longa e todas as prosperidades.

★ ALFREDO KEIL — Diogo de Macedo, Artista e Escritor, dedicou a 8.^a Monografia da sua colecção «*Museum*» a Alfredo Keil, «Um Independente» de tão excepcionais qualidades na Pintura como na Música e que nos legou uma obra prodigiosa e cheia de encantos. Neste opúsculo, escrito com a sinceridade e a alma que Diogo de Macedo põe em todos os seus escritos, exalta-se, sobretudo, o Pintor «dos sítios sossegados e das horas calmas, em panoramas de intimismo com luzes de doçura e cromacias temperadas». Ilustram a monografia um retrato de A. Keil, gravado por Pastor, uma fotografia do Artista e de sua Esposa e 14 reproduções de óleos do talentoso Pintor.

★ UM SÓ E O MESMO EM TODA A PARTE — Ao encerrar a semana consagrada pela Sociedade de Geografia ao Ultramar português, Rui de Sá Carneiro, Subsecretário das Colónias, tomou para lema de suas palavras de Fé a expressão eloquente com que Salazar definiu o povo português: *um só e o mesmo em toda a Parte*; e sobre essa verdade incorruptível, que vem resistindo às mais variadas influências das muitas zonas do planeta, por onde a raça lusíada moureja e se multiplica, Rui de Sá Carneiro exaltou a sua e nossa confiança em que Portugal saberá aguentar todas as procelas e continuará a ser a Pátria de todos os Portugueses do Império. E isso porque o nosso Imperador, invencível e imortal, é o grande, o generoso e forte coração lusitano, *um só e o mesmo em toda a parte*.

★ 'BOLETIM DA CRUZ VERMELHA' — Está publicado o n.º 44, relativo a 1949. Instituição das mais beneméritas, a Cruz Vermelha Portuguesa melhora de ano para ano seus materiais, planos e serviços, com o fito único de praticar a caridade cristã e de aliviar muitos dos sofrimentos que afligem a população. Começa o Boletim com a Mensagem de fim de ano do Sr. Paul Ruegger, Presidente do Comité internacional; segue-se a Mensagem do Presidente do Conselho dos Governadores da Liga das 68 Sociedades da Cruz Vermelha, Basil O'Connor; vem depois o relato minucioso das diferentes actividades da Cruz Vermelha Portuguesa no ano de 1949, várias secções de muito interesse e numerosas ilustrações,

Sempre atenta, a Cruz Vermelha nunca precisou de tanta energia e heroísmo como nestes últimos anos. O presente Boletim mostra bem como ela sabe enfrentar as situações mais difíceis e não se surpreenderá com o agravamento dos males que se anunciam. Por todos esses motivos, é de esperar que a auxiliem e com ela colaborem quantos têm na devida conta a solidariedade humana e a assistência aos que mais dela necessitem.

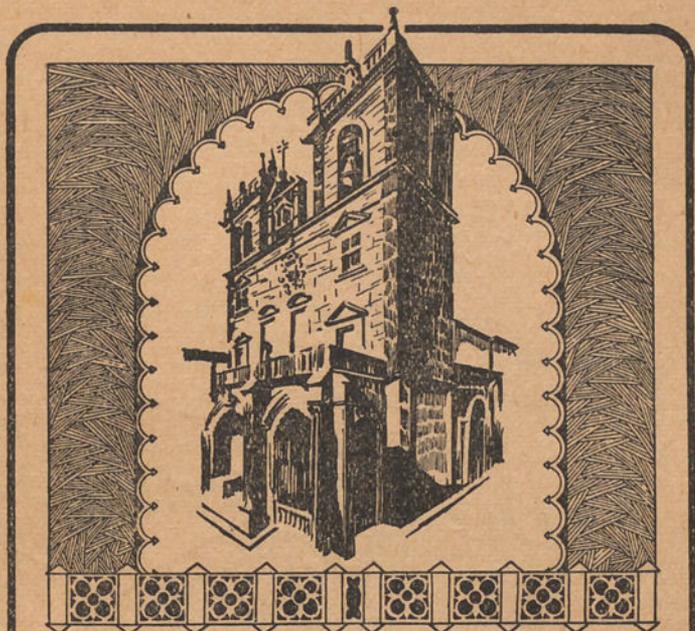
★ O PRESTÍGIO DE PORTUGAL NO MUNDO — O nosso Cônsul em Liverpool, Dr. Luís Carlos Leote Perier, teve a amabilidade de enviar-nos um n.º do '*Catholic Herald*' em que se descreve com grande relevo a solenidade da coroação em Bala duma imagem de Nossa Senhora de Fátima, que juntou naquela cidade, onde só há 20 católicos, cerca de 7.000 peregrinos. Pregou substancioso sermão o Bispo de Shrewsbury, que marcou nitidamente o exemplo de Fé, ordem e espiritualidade, que hoje Portugal dá ao mundo conturbado em que vivemos. Assistiram os Cônsules de sete países e a estátua foi coroada pela menina Maria Manuela Leote, garriamente vestida de minhota. Diz-nos o Dr. Luís Carlos ter ficado vivamente comovido com o carinho que todos aqueles peregrinos ingleses manifestaram por Portugal e pela Santa, que se constituiu já a mais querida e respeitada Embaixatriz de nossa Pátria. Gratos ao Dr. Leote Perier, é inútil acrescentar que recebemos sempre com o maior prazer todas as informações sobre Portugal que os Srs. Cônsules se dignem enviar-nos.

★ JOAQUIM ANTUNES — O incansável livreiro-editor, que tantos e tão inesquecíveis serviços tem prestado à expansão do livro português no Brasil, deve ter levado as melhores impressões da sua visita a Portugal. Joaquim Antunes foi distinguido com homenagens do Governo, dos Editores, dos Livreiros e Homens de Letras e todas mereceu pela dedicação com que tem espalhado na grande Nação sul-americana os principais documentos da Cultura Portuguesa. Desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, a Livraria de Joaquim Antunes corresponde-se com as principais Livrarias brasileiras, às quais inculca com a maior solicitude os livros portugueses. Agradecer-lhe e estimulá-lo é obra de justiça e de interesse nacional.

★ NOTA DO FIM — A palavra Guerra, sinistra e maldita, voltou a manchar a imprensa universal e a ferir profundamente os sentimentos humanitários e pacifistas da Cristandade. O conflito é lá muito longe e entre povos irmãos. Mas, tratando-se de guerra entre duas ideologias, o perigo é mais agudo e requer uma prudência sem limites por parte das grandes e pequenas potências. Tê-la-ão? Conseguirão isolar a fogueira para que não se transmita ao resto dos países do Oriente? Aguardemos e confiemos na sensatez dos governantes dos Países que sofreram há poucos anos os tremendos horrores da última guerra. A memória das pavorosas desgraças de então será melhor conselheira que os ímpetos de momento ou as manigâncias dos interessados em nova hecatombe.

ÁLVARO PINTO





DESDE AS GRANDES CATEDRAIS,
A'S MAIS MODESTAS IGREJAS,
AS PRATAS ARTISTICAS
ESTÃO SEMPRE PRESENTES



Visite as Ourivesarias



TOSSE ?

BENZO-DIACOL

DRÁGEAS

GOTAS

XAROPE